

UFRRJ
INSTITUTO DE BIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA
ANIMAL

DISSERTAÇÃO

Revisão das espécies neotropicais do gênero
***Bolostromus* Ausserer (Araneae, Mygalomorphae,**
Cyrtacheniidae)

Rafael Prezzi Indicatti

2007



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE BIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL**

**REVISÃO DAS ESPÉCIES NEOTROPICAIS DO GÊNERO
BOLOSTROMUS AUSSERER (ARANEAE, MYGALOMORPHAE,
CYRTAUCHENIIDAE)**

RAFAEL PREZZI INDICATTI

Sob a Orientação do Professor
Dr. Antonio Domingos Brescovit

e Co-orientação do Professor
Dr. Antonio José Mayhé Nunes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-graduação em Biologia Animal, Área de concentração em Zoologia

Seropédica, RJ
Fevereiro de 2007

595.44

I39r

T

Indicatti, Rafael Prezzi, 1978-

Revisão das espécies neotropicais do gênero *Bolostromus* Ausserer (Araneae, Mygalomorphae, Cyrtaucheniidae)/ Rafael Prezzi Indicatti. – 2007.
51f. : il.

Orientador: Antonio Domingos Brescovit.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia.

Bibliografia: f. 49-51.

1. Aranha – Teses. 2. Aranha – Classificação – Teses. I. Brescovit, Antonio Domingos, 1960- . II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Biologia. III. Título.

Bibliotecário: _____ **Data:** ___/___/_____

Advertência

Esta dissertação não constitui publicação no sentido do artigo 9 do ICZN e portanto quaisquer atos nomenclaturais nela contidos tornam-se sem efeito para princípios de prioridades e de homonímia.

Warning

This dissertation should not be considered as a publication in the sense of the article 9 of the ICZN. Therefore, any nomenclatural acts herein proposed are considered void for the principles of priority and homonymy.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE BIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL**

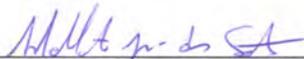
RAFAEL PREZZI INDICATTI

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**,
no Programa de Pós-graduação em Biologia Animal, área de concentração em Zoologia.

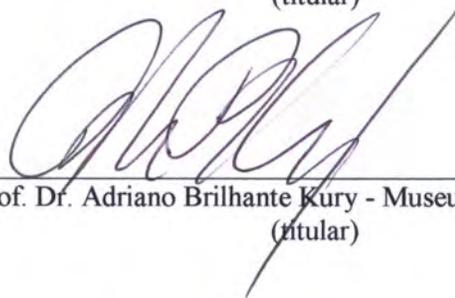
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28, 02, 07.....



Prof. Dr. Antonio Domingos Brescovit - Instituto Butantan
(Orientador)



Prof. Dr. Adalberto José dos Santos - UFMG
(titular)



Prof. Dr. Adriano Brillhante Kury - Museu nacional - UFRJ
(titular)

Prof. Dr. Antonio José Mayhé Nunes - UFRRJ
(suplente)

Dedico esta dissertação aos meus pais Roberto e Margareth e ao meu irmão Felipe, que sempre me ajudaram em tudo que precisei.

A Sylvia M. Lucas por me iniciar na taxonomia de Mygalomorphae e pela amizade nestes anos de trabalho no Instituto Butantan.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Roberto J. Indicatti e Margareth R. Prezzi Indicatti e ao meu irmão Felipe P. Indicatti por terem me apoiado, desde o início em meus estudos.

Ao Dr. Antonio D. Brescovit pela orientação e amizade durante estes oito anos de convivência entre muitas risadas e broncas, desde a orientação na monografia de graduação até as sugestões, durante e no final da dissertação. Por fim “Muito obrigado por você ter me indicado para a Dra. Sylvia”.

À Sylvia M. Lucas pela amizade durante estes últimos quatro anos de convivência e por me iniciar no maravilhoso mundo da taxonomia, transmitindo os conhecimentos adquiridos durante seus 45 anos de experiência na taxonomia de aranhas Mygalomorphae e pelas traduções dos artigos em alemão, latim e francês.

Ao Dr. Antonio J. Mayhé Nunes pela co-orientação, sugestões durante a elaboração da dissertação, discussões sobre taxonomia e elementos básicos da sistemática filogenética.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pela bolsa concedida, por meio da UFRRJ.

Ao Adriano B. Kury e Adalberto J. Santos por aceitarem o convite para a banca e pelas valiosas sugestões a dissertação.

À minha namorada Bárbara G. dos Santos pela paciência nestes últimos dois anos, principalmente no primeiro, devido à distância de São Paulo e no final do segundo, quando estava escrevendo a dissertação.

Aos amigos (as) David F. Candiani (Pumba, Mandíbula), Cláudio R. A. de Souza (Star gate, He-man, Claude), Cristina A. Rheims (Cris), Gustavo R. R. Sanchez (Gú), Flávio U. Yamamoto (Japonês, Gringo, etc), Daniele Polotow (Dani), Hilton F. Japyassú, Adalberto J. Santos, Tatiana Kawammoto (Tati), Rafael Yuji Lemos (Yuji, Nipolusitano), Rafael Braga (Patrão), Gustavo (Tulipinhas), Carolina R. Garcia (Carol), Vanessa (Van), Denise M. Cândido, Éwerton O. Machado (Pãozinho), Igor Cizauskas (Medonho, Tirso, etc.), Lina M. A. Silva, Éder S. S. Álvares, Paulo M. Goldoni (Gatinho), Samuel Guizze, Charles (Batman), Victor (Robin, Carlinhos) e aos demais colegas do Laboratório de Artrópodes do Instituto Butantan, pela convivência de todos esses anos de muito trabalho, pizzas e churrascos.

À Cristina A. Rheims por toda a ajuda prestada, desde quando cheguei no Laboratório de Artrópodes. Por me ensinar boa parte das técnicas de desenho que conheço. Por tirar muitas dúvidas a respeito da taxonomia, pelas sugestões e pelo mapa utilizado na dissertação e por separar o material proveniente das coleções dos EUA, o que facilitou e agilizou muito o envio deste.

Ao José P. L. Guadanucci (Museu de Zoologia, USP), pelo exame do holótipo de *Bolostromus venustus* Ausserer depositado no BMNH e pelas discussões referentes aos gêneros neotropicais de Cyrtaucheniidae.

Ao Gustavo e Daniele pelas sugestões no projeto e durante a elaboração da dissertação.

À Irene Knysak diretora do Laboratório de Artrópodes do Instituto Butantan, pelo apoio logístico.

Ao Dr. Francisco Gerson e Agra Mendonça pelo incentivo nas publicações e pela ajuda nos tramites internos do departamento de pós-graduação.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pela oportunidade de realizar o mestrado.

Ao Dr. Pedro Kiyohara e Simone P. de Toledo do Laboratório de Microscopia Eletrônica do Departamento de Física Geral do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IF/USP), pela confecção das fotos de microscopia eletrônica.

Ao David F. Candiani por emprestar o seu computador para a finalização da dissertação.

Ao Programa Biota Fapesp, através do projeto Biodiversidade de Arachnida e Miriapoda do Estado de São Paulo, processo 99/05446-8 e CNPq (ADB).

A André B. Vargas, Osvaldo, Dona Rita e Talita, pela generosidade em me deixar morar em um quarto (com suíte, risos!!) em sua casa, principalmente pelo fato de nunca terem me visto antes e pelos churrascos, passeios a cavalo e trilhas com bicicleta (mesmo com e sem vacas na frente).

À Elaine Folly e André B. Vargas por terem me ajudado mesmo antes de eu entrar na Rural, através de informações e por terem me mostrado a restinga da Marambaia durante as coletas.

Aos amigos das disciplinas na UFRRJ, principalmente Guilherme Orsolon Souza, Rafaela D. Antonini, Isaac P. Lima e Mauro S. Lima.

À Valéria Castilho Onófrio pelas conversas a respeito de Seropédica, UFRRJ e sobre a dissertação.

Aos curadores Cristine Rollard (MNHN), Alexandre B. Bonaldo (MPEG), Antonio D. Brescovit (IBSP), Norman Platnick (AMNH), Charles Griswold (CAS), Rudy Jocqué (Koninklijk Museum voor Midden-Afrika, Tervuren), J. Beccaloni (BMNH), Erica H. Buckup (MCN), Arno A. Lise (MCTP), Adriano B. Kury (Museu Nacional - RJ), Ricardo Pinto da Rocha (Museu de Zoologia - USP), H. Höfer (SMNK), Jason A. Dunlop (ZMB) e Jonathan Coddington (National Museum of Natural History - Smithsonian Institution) pelo empréstimo do material de *Bolostromus* Ausserer e de outros gêneros da família Cyrtoucheniidae para comparação.

Aos curadores Ricardo Pinto da Rocha (Museu de Zoologia - USP), Adriano B. Kury (MNRJ), Arno A. Lise (MCTP), Erica H. Buckup (MCN), Cristina L. Scioscia (MACN), Luíz A. Pereira (Museo de la Plata - Argentina), pela ótima recepção durante a visita às coleções das respectivas instituições.

Ao Cristian Grismado, Martín Ramirez, André A. O. Affilastro (MACN) por terem nos recebido no museu na visita à coleção de Mygalomorphae e pelo empréstimo da lupa com câmera fotográfica acoplada.

Ao Ricardo Ott, Ana Paula Ott pela estadia em seu apartamento durante a visita às coleções de Porto Alegre e ao Werner por ceder sua cama.

Ao Abel Pérez González pelo artigo do Rudloff enviado de Cuba.

A David F. Candiani, Nancy F. Lo Man Hung, Antonio D. Brescovit, Laura T. Miglio por trazerem os exemplares de *Bolostromus* provenientes do MPEG.

RESUMO

Indicatti, Rafael Prezzi. **Revisão das espécies neotropicais do gênero *Bolostromus* Ausserer (Araneae, Mygalomorphae, Cyrtaucheniidae)**. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal, Zoologia). Instituto de Biologia, Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2007.

O gênero *Bolostromus* Ausserer é redescrito e diagnosticado. A distribuição do gênero conhecida, para o Panamá, Cuba, Venezuela, Colômbia e Equador é ampliada para o Brasil e Peru. O gênero monotípico *Bolostromoides* Schiapelli & Gerschman de Pikelin, cuja espécie-tipo é *B. summorum* Schiapelli & Gerschman de Pikelin, é considerado sinônimo júnior subjetivo de *Bolostromus*. A espécie-tipo, *B. venustus* Ausserer, da Colômbia, bem como *B. panamanus* (Petrunkevitch), do Panamá, *B. fauna* (Simon) e *B. pulchripes* (Simon), da Venezuela, *B. holguinensis* Rudloff, de Cuba e *B. gaujoni* (Simon) e *B. riveti* Simon, do Equador, são redescritas e diagnosticadas. O macho de *B. panamanus* é descrito pela primeira vez. Novos registros de distribuições são apresentados para *B. panamanus* e *B. venustus*, ampliando sua distribuição geográfica para as províncias de Cólón e Coclé (Panamá) e Meta, (Colômbia), respectivamente. Cinco espécies novas são descritas: *B. bonaldoi* sp. n. e *B. zoiudo* sp. n., ambas do Pará e do Acre, *B. cristinae* sp. n., do Amazonas (Brasil), *B. colombianus* sp. n., de Nariño (Colômbia) e *B. huanuco* sp. n., de Huanuco (Peru). *B. insularis* Simon, descrita com base em um jovem da Ilha St. Vincent é considerada uma espécie válida.

Palavras-chave. Aporoptychinae, região neotropical, taxonomia.

ABSTRACT

Indicatti, Rafael Prezzi. **Revision of the neotropical species of the genus *Bolostromus* Ausserer (Araneae, Mygalomorphae, Cyrtaucheniidae)**. Dissertation (Master Science in Animal Biology, Zoology). Instituto de Biologia, Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2007.

The neotropical genus *Bolostromus* Ausserer is redescribed and diagnosed. The genus distribution range, previously known to include Panama, Cuba, Venezuela, Colombia and Equador is enhanced to include Brazil and Peru. The monotypic genus *Bolostromoides* Schiapelli & Gerschman de Pikelin, with the type-species *B. summorum* Schiapelli & Gerschman de Pikelin is considered a junior subjective synonym of *Bolostromus*. The type-species, *B. venustus* Ausserer, from Colombia, as well as *B. panamanus* (Petrunkevitch), from Panama, *B. fauna* (Simon) e *B. pulchripes* (Simon), both from Venezuela, *B. holguinensis* Rudloff, from Cuba and *B. gaujoni* (Simon) and *B. riveti* Simon, both from Equador, are redescribed and illustrated. The male of *B. panamanus* is described for the first time. New distribution records are presented for *B. panamanus* and *B. venustus*, enhancing their geographic distribution to Colón and Coclé, Panamá and Lomalinda, Meta, Colombia, respectively. Five new species are described: *B. bonaldoi* sp. n. and *B. zoiudo* sp. n., from Pará and Acre, *B. cristinae* sp. n., from Amazonas (Brazil), *B. colombianus* sp. n., from Nariño (Colombia) and *B. huanuco* sp. n., from Huanuco (Peru). *Bolostromus insularis* Simon, described based on a juvenile from St. Vincent island, is considered a valid species.

Key words. Aporoptychinae, neotropical region, taxonomy.

LISTA DE ABREVIACÕES UTILIZADAS NAS DESCRIÇÕES

OLA - Olhos médios anteriores;

OLP - Olhos laterais posteriores;

OMA - Olhos médios anteriores;

OMP - Olhos médios posteriores;

FLP - Fiandeiras laterais posteriores;

d - dorsal;

v - ventral;

p - prolateral;

r - retrolateral;

ap - apical.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 MATERIAL E MÉTODOS	4
2.1 Material	4
2.2 Métodos	4
2.2.1 Terminologia	4
2.2.2 Mensurações	4
2.2.3 Espinulação	5
2.2.4 Genitálias	5
2.2.5 Ilustrações	5
3. RESULTADOS	6
3.1 Taxonomia	6
3.2 Família Cyrtoucheniidae Simon	6
3.3 Subfamília Aporptychinae Simon	6
3.4. Gênero <i>Bolostromus</i> Ausserer	6
3.5 Espécies Fora dos Grupos	9
3.5.1 <i>Bolostromus insularis</i> (Simon)	9
3.5.2 <i>Bolostromus holguinensis</i> Rudloff	9
3.6 Grupos	9
3.6.1 Grupo <i>panamanus</i>	9
3.6.1.1 <i>Bolostromus panamanus</i> (Petrunkevitch)	10
3.6.1.2 <i>Bolostromus bonaldoi</i> sp. n.	13
3.6.1.3 <i>Bolostromus caxiuana</i> sp. n.	18
3.6.1.4 <i>Bolostromus cristinae</i> sp. n.	21
3.6.1.5 <i>Bolostromus pulchripes</i> (Simon)	24
3.6.2 Grupo <i>gaujoni</i>	27
3.6.2.1 <i>Bolostromus gaujoni</i> (Simon)	27

3.6.2.2 <i>Bolostromus riveti</i> Simon	30
3.6.2.3 <i>Bolostromus huanuco</i> sp. n.	32
3.6.3 Grupo <i>summorum</i>	35
3.6.3.1 <i>Bolostromus summorum</i> (Schiapelli & Gerschman) comb. n.	35
3.6.3.2 <i>Bolostromus colombianus</i> sp. n.	36
3.6.4 Grupo <i>venustus</i>	38
3.6.4.1 <i>Bolostromus venustus</i> Ausserer	38
3.6.4.2 <i>Bolostromus fauna</i> (Simon)	41
4 DISCUSSÃO	46
5 CONCLUSÕES	48
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1 INTRODUÇÃO

As aranhas da infraordem Mygalomorphae incluem 15 famílias, 316 gêneros e 2564 espécies distribuídas pelo mundo (PLATNICK 2007). No Brasil ocorrem 11 famílias, cerca de 40 gêneros e 300 espécies (BRESCOVIT et al. 2002; LUCAS et al. 2006; PLATNICK 2007).

Cyrtaucheniidae é a sexta maior família de Mygalomorphae, com 126 espécies incluídas em 18 gêneros (PLATNICK 2007). É composta por aranhas de pequeno a médio porte (2 a 35 mm de comprimento, obs. pessoal), de hábitos noturnos e fossórios, sendo encontradas em túneis revestidos de seda (GOLOBOFF 1993) ou embaixo de pedras (GUADANUCCI & INDICATTI 2004). Estas tocas podem ser simples ou com duas entradas, em forma de “Y” ou “U”, em galerias com múltiplas aberturas. A abertura pode ser simples ou fechada por um opérculo formado por uma camada maleável de terra e seda (COYLE 1986; DIPPENAAR-SCHOEMAN & JOCQUÉ 1997; LEROY & LEROY 2005). Algumas espécies africanas podem tampar a abertura de suas tocas com esferas feitas de partículas de solo e seda, que são removidas quando a aranha quer sair ou se alimentar (LEROY & LEROY 2005).

A família é dividida em três subfamílias: Cyrtaucheniinae Simon, Euctenizinae Raven e Aporoptychinae Simon. Cyrtaucheniinae ocorre na África e no sudeste do Mediterrâneo. O gênero-tipo desta subfamília e da família é *Cyrtauchenius* Thorell, com a espécie-tipo *C. terricola*, descrita por LUCAS (1846) para a Argélia. Euctenizinae ocorre na América Central e do Norte. O gênero-tipo da subfamília é *Eucteniza* Ausserer, com a espécie-tipo *E. mexicana*, descrita por AUSSERER (1875) para o México. Entre as três subfamílias, apenas Euctenizinae foi alvo de uma revisão e análise cladística com base em dados morfológicos, no qual foram incluídos representantes dos principais gêneros de Cyrtaucheniidae. Nesta análise, Euctenizinae é considerada monofilética em relação às demais subfamílias (BOND & OPELL 2002). BOND & HEDIN (2006) utilizaram os mesmos caracteres morfológicos em associação com dados moleculares e concluíram que Euctenizinae não é monofilética. Aporoptychinae ocorre nas Américas Central e do Sul e na África. O gênero-tipo da subfamília é *Aporoptychus* Simon, que foi sinonimizado por RAVEN (1985) com *Acontius* Karsch, cuja espécie-tipo é *A. hartmanni*, descrita por KARSCH (1879) com base em uma fêmea para o oeste da África (RAVEN 1985; PLATNICK 2007).

A relação entre os gêneros de Aporoptychinae foi estudada por RAVEN (1985), GOLOBOFF (1993) e BOND & OPELL (2002). RAVEN (1985) propôs a subfamília e incluiu nela sete gêneros: *Ancylotrypa* Simon, *Acontius*, *Kiama* Main & Mascord, *Rhytidicolus* Simon, *Bolostromoides* Schiapelli & Gerschman, *Fufius* Simon e *Bolostromus* Ausserer, sendo que estes três últimos aparecem representados em seu cladograma por uma politomia. Em sua análise, GOLOBOFF (1993) utilizou apenas três gêneros, *Rhytidicolus*, *Fufius* e *Bolostromus*, que formaram um grupo parafilético. Como não incluiu os outros quatro gêneros, não foi possível testar a relação entre todos os gêneros da subfamília. Nove anos depois, BOND & OPELL (2002), realizaram uma análise que incluiu seis dos sete gêneros propostos por RAVEN (1985) em Aporoptychinae, sendo que apenas *Bolostromoides* não foi incluído. Apesar disso, os autores comentaram que, de acordo com a descrição de RAVEN (1985), este gênero poderia ser mantido na subfamília (BOND & OPELL 2002). Como resultado da análise, *Ancylotrypa* e *Kiama*, não pertencem a Aporoptychinae, mas não foram formalmente transferidos para outra subfamília. O gênero *Rhytidicolus* aparece como irmão de *Acontius* juntamente com o clado *Bolostromus* + *Fufius*, onde formam um grupo monofilético. A monofilia de Aporoptychinae é sustentada por três caracteres: garras das quelíceras grossas e curtas, enditos subquadrados e tibia do palpo curta e robusta. Um quarto

caráter foi considerado como adicional pelos autores, o lábio mais longo que largo (BOND & OPELL 2002).

Aporoptychinae atualmente apresenta cinco gêneros: *Acontius*, *Bolostromoides*, *Fufius*, *Rhytidicolus*, *Bolostromus* (BOND & OPELL 2002), todos com representantes no novo mundo (GOLOBOFF 1995; BOND & OPELL 2002; PLATNICK 2007). *Acontius* é o que apresenta maior número de espécies, com nove descritas para o continente africano e uma para a América do Sul. *Acontius australis* foi descrita originalmente por SIMON (1886), como espécie-tipo do gênero *Aporoptychus*, com base em uma fêmea de Santa Cruz, Argentina. (RAVEN 1985; PLATNICK 2007). *Bolostromoides* é um gênero monotípico, cuja espécie-tipo é *B. summorum*, descrita por SCHIAPELLI & GERSCHMAN DE PIKELIN (1945) com base em uma fêmea para o Estado de Mérida, Venezuela. *Fufius* é um gênero cuja espécie-tipo é *F. atramentarius*, descrita por SIMON (1888), com base em uma fêmea coletada na Guatemala. Possui nove espécies descritas na região neotropical e destas apenas quatro ocorrem no Brasil: *F. albovittatus* descrita por SIMON (1891a) para o Amazonas, *F. auricomus* descrita por SIMON (1891a) para o Pará, *F. funebris* descrita por VELLARD (1924) para Goiás e *F. lucasae* descrita por GUADANUCCI & INDICATTI (2004) para São Paulo, sendo este o primeiro registro de Cyртаucheniiidae para a Mata Atlântica (GUADANUCCI & INDICATTI 2004). *Rhytidicolus* é um gênero monotípico, cuja espécie-tipo é *R. structor*, descrita por SIMON (1889a) com base em uma fêmea de San Esteban, Estado de Aragua, Venezuela (BOND & OPELL 2002; GOLOBOFF 1995; PLATNICK 2007).

Atualmente *Bolostromus* apresenta oito espécies para a região neotropical (Tabela 1) e uma para a etiópica. A espécie-tipo é *B. venustus*, descrita por AUSSERER (1875) com base em uma fêmea de Santa Fé, Bogotá, Colômbia. A segunda espécie foi descrita por SIMON (1889a) originalmente como espécie-tipo do gênero *Phaeoclita*, sob o nome de *P. fauna* Simon, com base num casal de Petare, Estado de Miranda, Venezuela. Quase um século depois este gênero foi sinonimizado com *Bolostromus* por RAVEN (1985: 153). SIMON (1889 a, b) criou ainda dois gêneros novos, *Celidotopus*, com a espécie-tipo *C. pulchripes* Simon, descrito a partir de uma fêmea de Colônia Tovar, Estado de Aragua, Venezuela e *Phaenothele*, com a espécie-tipo *P. gaujoni* Simon, baseado num macho proveniente de Amazula, Equador. Posteriormente os dois gêneros foram sinonimizados com *Bolostromus* pelo próprio autor (SIMON 1903a: 894). SIMON (1891b) descreveu *Phaenothele insularis*, com base numa fêmea da Ilha São Vicente e vinte anos depois a espécie foi transferida para *Bolostromus* por PETRUNKEVITCH (1911: 51). A sexta espécie, *B. riveti*, foi descrita por SIMON (1903b), com base e um exemplar macho de Riobamba, Equador. *B. suspectus* foi descrita por O. P.-CAMBRIDGE (1911) para Uganda, no continente africano. PLATNICK (2007) cita que a espécie foi baseada num exemplar jovem e que está mal colocada em *Bolostromus* e que provavelmente pertence ao gênero *Ancylotrypa* Simon, que ocorre apenas na África (esta espécie não será revisada por não ser neotropical). A oitava espécie, *B. panamanus* (Petrunkevitch), descrita originalmente por PETRUNKEVITCH (1925) como *Ancylotrypa*, com base em uma fêmea da Província de Chiriqui, Panamá, foi transferida seis décadas depois por RAVEN (1985: 130) para *Bolostromus*. A nona e última espécie foi descrita por RUDLOFF (1996) como *B. holguinensis*, com base em um exemplar fêmea da Província de Holguín, Cuba.

Esta é a primeira revisão das espécies neotropicais de um gênero da família Cyртаucheniiidae. Um dos maiores problemas em relação à taxonomia deste grupo, são as descrições, que são pouco informativas e não possuem ilustrações, dificultando a identificação das espécies e do próprio gênero. Este tema foi escolhido para resolver estes problemas, pois facilitará o reconhecimento do gênero e possibilitará a identificação das espécies, além de conhecer a distribuição das mesmas. Para tanto, os objetivos deste trabalho foram:

- Revisar as espécies neotropicais do gênero *Bolostromus*;
- Redescrever e diagnosticar o gênero e as espécies conhecidas dentro de um enfoque atualizado e descrever exemplares do sexo oposto das mesmas quando possível;
- Descrever e diagnosticar eventuais espécies novas e realizar sinônimas quando existirem;
- Registrar novas ocorrências e ampliar a distribuição das espécies com base no material das coleções.

Tabela 1. Elenco atual de espécies neotropicais do gênero *Bolostromus*, com os respectivos sexos descritos e país da localidade-tipo.

Espécie	sexo	País
<i>Bolostromus venustus</i> Ausserer	♂♀	Colômbia
<i>Bolostromus panamanus</i> (Petrunchevitch)	♂♀	Panamá
<i>Bolostromus fauna</i> (Simon)	♂♀	Venezuela
<i>Bolostromus pulchripes</i> (Simon)	♀	Venezuela
<i>Bolostromus gaujoni</i> (Simon)	♂	Equador
<i>Bolostromus riveti</i> Simon	♂	Equador
<i>Bolostromus insularis</i> (Simon)	♀	Ilhas San Vicent
<i>Bolostromus holguinensis</i> Rudloff	♀	Cuba

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Material

Foi examinado o material depositado em 11 coleções, brasileiras e estrangeiras, listadas abaixo, através de empréstimos ou de visita as mesmas (curadores estão entre parênteses).

AMNH, American Museum of Natural History, New York (N. I. Platnick);

BMNH, British Museum of Natural History, London (J. Beccaloni);

CAS, California Academy of Sciences, San Francisco (C. Griswold);

IBSP, Instituto Butantan, São Paulo (A. D. Brescovit);

MACN, Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia, Buenos Aires (C. Scioscia);

MCN, Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (E. H. Buckup);

MCTP, Museu de Ciências e Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (A. A. Lise);

MNHN, Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (C. Rollard);

MPEG, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (A. B. Bonaldo);

SMNK, Staatliches Museum für Naturkunde Karlsruhe, Karlsruhe (H. Höfer);

ZMB, Museum für Naturkunde, Zentralinstitut der Humboldt-Universität zu Berlin, Berlin (J. Dunlop).

2.2 Métodos

2.2.1 Terminologia

A terminologia utilizada é a proposta por GOLOBOFF (1995), exceto para a estrutura da genitália feminina, que é composta por duas espermatecas, cada uma formada por dois ramos: o externo e o interno, que em geral apresenta uma projeção reta ou curvada para a região interna.

2.2.2 Mensurações

Todas as medidas estão expressas em milímetros. O comprimento total foi medido em vista dorsal, da borda do clipeo até a borda posterior do abdômen, não incluindo quelíceras, pedicélo e fiandeiras. Comprimento e largura do abdômen e da carapaça representam os valores máximos para os espécimes. A altura do clipeo foi medida em vista lateral, a partir da margem anterior da carapaça até a margem anterior dos olhos médios anteriores. O diâmetro dos olhos foi medido dorsalmente, apenas os olhos médios anteriores foram em vista lateral. O comprimento dos artículos das pernas foi medido em vista lateral. Os segmentos foram medidos entre os pontos de articulação (GOLOBOFF 1995). Os artículos das fiandeiras foram medidos em vista ventral.

2.2.3 Espinulação

Foi seguida a terminologia proposta por PETRUNKEVITCH (1925), com modificações: cada segmento (fêmur até o tarso ou címbio) foi dividido de acordo com a quantidade, posição e a proximidade dos espinhos em cada face (dorsal, ventral, prolatral e retrolateral, nesta ordem). Os espinhos são expressos da área basal para a apical. Os espinhos da borda da região

apical, localizados na margem dos artículos, foram identificados por “ap”, para diferenciá-los dos espinhos próximos a essa região. Os espinhos localizados na patela foram expressos em seu número total, devido à grande quantidade neste artículo de dimensão pequena (ex. d11), o que não permite uma posição segura. Foram apresentados apenas os segmentos que possuíam espinhos. Exemplos: tibia v1r-0-1r-1p-(1r megaespinho)-0-0 (Figura 4 F); tibia v0-1r-1r-1r-(1r megaespinho)-0-1p ap (Figura 8 E); tibia d0-2p-0-0-0, v0-3-1p-1p-0-0-2-1p-0-0-2r (Figura 14 D-E).

2.2.4 Genitálias

As fêmeas de migalomorfos são haplóginas e não possuem placa epiginal externa (COMSTOCK 1965). As genitálias foram dissecadas com alfinetes e imersas em ácido láctico a 85%, até que as estruturas internas estivessem visíveis (3-8 horas). Esta variação no tempo do clareamento é devido ao diferente grau de esclerotização das espermatecas, que na maioria das espécies é pequeno. Para observação das estruturas internas da genitália feminina e bulbo copulador dos machos foi utilizado um estereomicroscópio Leica MZ 12.5.

2.2.5 Ilustrações

Todas as ilustrações foram feitas com o auxílio de um estereomicroscópio Leica MZ 12.5 com câmara clara acoplada. O bulbo do palpo esquerdo foi ilustrado em vista prolateral, retrolateral e, quando necessário para evidenciar a curvatura do embolo, ventral. A posição do bulbo foi definida de acordo com o subtégulo, pois é a única estrutura que não rotaciona em relação ao tégulo (GOLOBOFF 1995). A tibia e o metatarso da perna I esquerda dos machos foram ilustrados em vista retrolateral e ventral para auxiliar na diagnose de cada espécie. As espermatecas foram ilustradas em vista dorsal. As fotomicrografias foram feitas utilizando microscópio eletrônico de varredura JEOL (JSM 840A) do Laboratório de Microscopia Eletrônica do Departamento de Física Geral do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (LME-IF/USP). As ilustrações coloridas foram feitas com uma câmera fotográfica Sony DSC-W5 acoplada ao estereomicroscópio Leica MZ 12.5.

3 RESULTADOS

3.1 Taxonomia

3.2 Família Cyrtaucheniidae Simon

3.3 Subfamília Aporptychinae Simon

3.4 Gênero *Bolostromus* Ausserer

Bolostromus AUSSERER 1875: 150, pr. 5, figuras 10-12. Espécie-tipo por monotipia, *B. venustus* Ausserer; PETRUNKEVITCH 1911: 51; PETRUNKEVITCH 1939: 195; MELLO-LEITÃO 1941: 233; ROEWER 1942: 164; BONNET 1955: 894; RAVEN 1985: 136; PLATNICK 2007.

Phaeoclita SIMON 1889a: 184. Espécie-tipo por monotipia *P. fauna* Simon. PETRUNKEVITCH 1911: 84; PETRUNKEVITCH 1939: 206; ROEWER 1942: 164; BONNET 1958: 3496; RAVEN 1985: 183 (Sin.).

Celidotopus SIMON 1889a: 184. Espécie-tipo por monotipia *C. pulchripes* Simon. SIMON 1903a: 894 (Sin.).

Phaenothele SIMON 1889b: 399, espécie-tipo por monotipia *P. gaujoni* Simon. SIMON 1903a: 894 (Sin.).

Bolostromoides SCHIAPELLI & GERSCHMAN DE PIKELIN 1945: 169, pr. 2, figuras 1-2. Espécie-tipo por monotipia *B. summorum* Schiapelli & Gerschman de Pikelin. BRIGNOLI 1983: 111; RAVEN 1985: 133, figuras 219-224; PLATNICK 2007.

Sinônimo novo.

Diagnose. *Bolostromus* difere de *Acontius* pela presença de sérrula na face distal dos enditos (Figura 2 C) e por ter espinhos no címbio (Figura 4 D) e nos tarsos dos machos e fêmeas; de *Fufius* Simon pela fóvea procurva nos machos e fêmeas, espermatecas com dois ramos sem torção (Figuras 3 D, 8 C) e de *Rhytidicolus* Simon pelo rastelo ocupar toda área frontal da quelícera (Figuras 1 A, 4 A-B vs 1 B) e apresentar apenas uma fila de dentes na promargem da quelícera em machos e fêmeas (Figura 4 C).

Espécie-tipo. *Bolostromus venustus* Ausserer

Descrição. Aranhas pequenas (2-30 mm de corpo). Carapaça glabra e região cefálica elevada. Borda do clipeo estreita ou larga. Cômoro ocular pouco elevado. Fila anterior e posterior dos olhos recurva ou procurva. Rastelo formado por espinhos fortes, dispostos em uma (Figuras 1 A, 4 A-B) ou mais filas. Quelíceras com uma fila de 4-9 dentes na promargem. Garras das quelíceras diagonais, curtas e grossas (Figura 1 A). Intumescência interqueliceral ausente. Enditos subquadrados, com 4-30 cúspides. Lábio sem cúspides, subquadrado ou mais largo do que longo ou mais longo que largo. Fóvea torácica transversal, profunda e procurva, larga, intermediária ou estreita. Esterno oval com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais ou marginais. Sigilas posteriores ovais, do mesmo tamanho ou até três vezes maiores que as anteriores. Fêmur IV com um conjunto de espinhos distais prolaterais, semelhante a um rastelo, podendo estar dispostos em uma (Figura 1 C) até três filas (Figura 1 D). Pente de cerdas ausente nos metatarsos. Escópula dos tarsos I-II inteira nos machos e dividida por cerdas grossas nas fêmeas. Escópula dos tarsos III-IV ausente, tanto nos machos como nas fêmeas. Tarsos I-IV sem pseudosegmentação. Unhas tarsais superiores com duas filas de dentes espaçadas entre si. Terceira unha presente em todos os tarsos (Figura 5 C-D). Quatro fiandeiras com fúsulas bem desenvolvidas. FLP triarticulada, com o segmento apical digitiforme, curto. Fúsulas dos três

segmentos bem desenvolvidas em forma de morangas (Figura 2 E-F). Órgão címbial (Figura 7 C) e tarsal pouco elevado e com o padrão concêntrico sem sulco (Figura 2 A-B). Tíbia do palpo dos machos longa e delgada a curta e dilatada no terço basal. Bulbo com o tégulo piriforme, alongado ou curto com êmbolo longo, curvado ou reto. Genitália feminina formada por duas espermatecas translúcidas a bem esclerotizadas, com base larga ou estreita formada por dois ramos, externo e interno, o qual em geral apresenta uma projeção curvada ou não.

Distribuição. Centro e norte da região neotropical (Figura 23).

Espécies incluídas. *Bolostromus venustus* Ausserer, *B. panamanus* (Petrunkevitch), *B. fauna* (Simon), *B. pulchripes* (Simon), *B. insularis* (Simon), *B. holguinensis* Rudloff, *B. gaujoni* (Simon), *B. riveti* Simon, *B. summorum* (Schiapelli & Gerschman de Pikelin), *B. bonaldoi* sp. n., *B. caxiuana* sp. n., *B. cristinae* sp. n., *B. colombianus* sp. n., e *B. huanuco* sp. n.

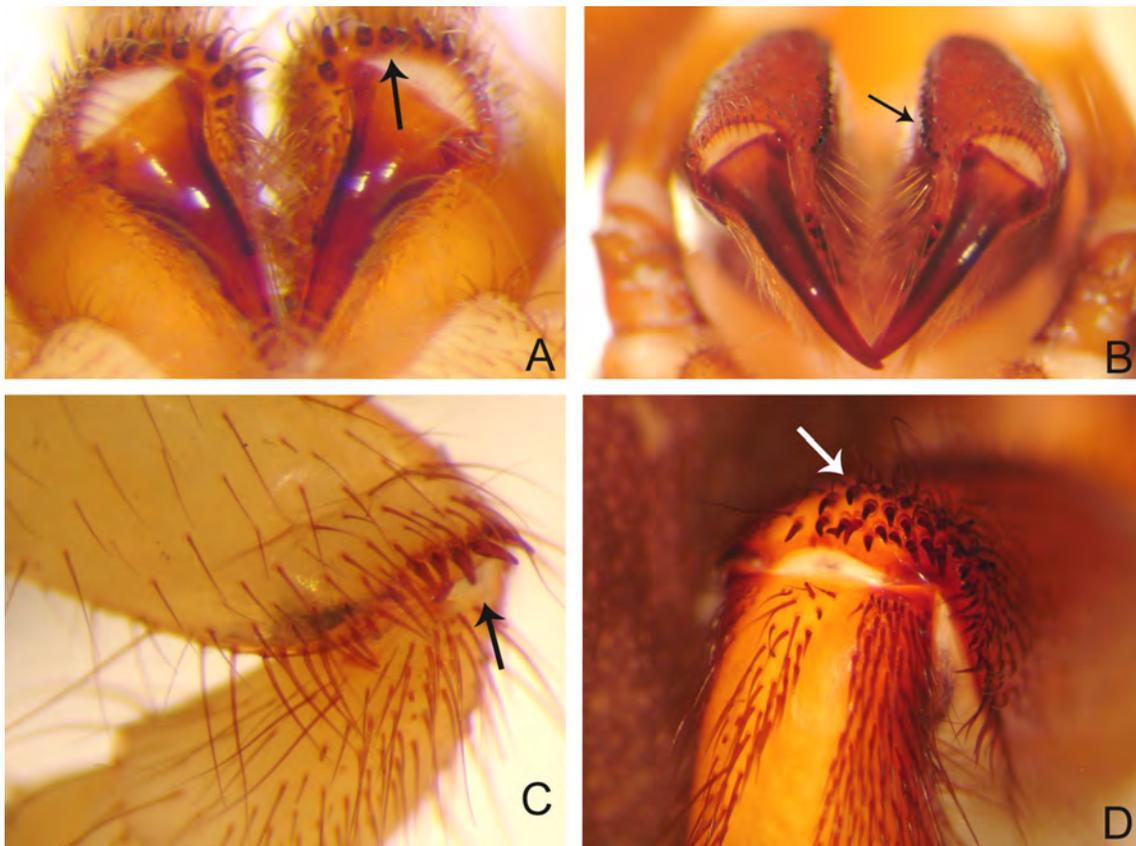


Figura 1. A-B. Rastelo, vista ventro-frontal. A. *Bolostromus* spp.; B. *Rhytidicolus* sp.; C-D. *Bolostromus* spp., fêmur da perna IV, área apical; C. Uma fila de espinhos, vista prolateral; D. Três filas de espinhos, vista dorso-frontal.

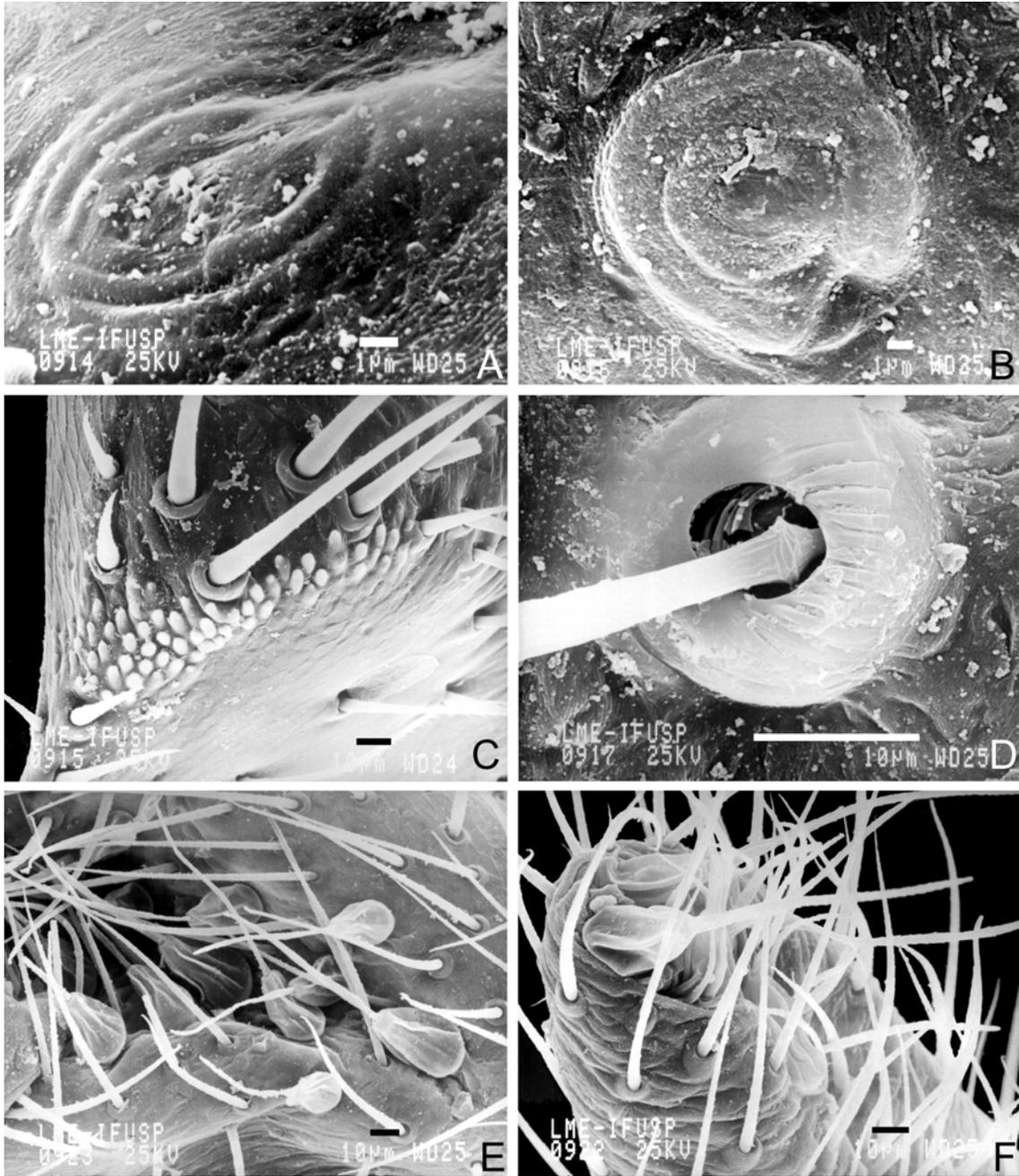


Figura 2. A-F. *Bolostromus bonaldoi* sp. n. A-B. Órgão tarsal, vista dorsal. A. Tarso I; B. Tarso III; C. Sérrula, endito, vista dorsal; D. Tricobótria filiforme, metatarso I, vista dorsal; E-F. Fúsculas das fiandeiras posteriores laterais, vista ventral; E. Articulo basal; F. Artículo apical. Escalas. Figuras A-B = 1 µm, C-F = 10 µm.

3.5 Espécies Fora dos Grupos

3.5.1 *Bolostromus insularis* (Simon)

(Figura 23)

Phaenothele insularis SIMON 1891b: 551 (holótipo jovem das Ilhas San Vicent, E. Simon col., depositado no MNHN AR 4245, ex coleção Simon 14971, examinado).

Bolostromus insularis: PETRUNKEVITCH 1911: 51.

Nota: esta espécie não pode ser diagnosticada e redescrita, devido à estrutura genital do holótipo não estar formada e por não obtermos material adulto proveniente da localidade-tipo.

3.5.2 *Bolostromus holguinensis* Rudloff

(Figura 23)

Bolostromus holguinensis RUDLOFF 1996: 12, figuras 1-5 (holótipo fêmea de Farollones de Moa, província de Holguín, Cuba, 05.III.1994, Rudloff col., depositado no Museo de História Natural Carlos de la Torre, Holguín 5-16, não examinado; parátipo com os mesmos dados do holótipo, depositado no ZMB 30738, examinado). PLATNICK 2007.

Nota: o exemplar examinado de *B. holguinensis*, designado como parátipo fêmea por RUDLOFF (1996) está jovem, mas é confirmado como uma espécie do gênero *Bolostromus*. A espécie será redescrita quando um segundo parátipo ou o holótipo designado por RUDLOFF (1996) for examinado.

A diagnose proposta por RUDLOFF (1996) está totalmente errada. Ele diz que *B. holguinensis* difere de *B. panamanus* (Petrunkevitch), pela presença de duas filas de dentes nos tarsos das pernas, mas todas as espécies de *Bolostromus* possuem este caráter; difere de *B. insularis* pela coloração, mas as duas possuem a cor amarela. Outro caráter utilizado é o dos espinhos nas patelas da perna III, mas este também ocorre em todas as espécies. Em relação ao desenho apresentado das espermatecas, deve estar errado. Provavelmente ele não esperou clarear o suficiente para desenhá-la. Em algumas espécies, os dois ramos quando não estão clareados suficientemente o desenho é semelhante ao apresentado por Rudloff.

3.6 Grupos

Bolostromus foi dividido em quatro grupos, com base em similaridades morfológicas: *panamanus*, *gaujoni*, *summorum* e *venustus*.

3.6.1 Grupo *panamanus*

Diagnose. Tíbia I da perna do macho com o diâmetro semelhante ao do metatarso I (Figura 3 E-F). Metatarso I com dilatação distal (Figura 3 E-F). Espinhos longos no címbio. Genitália da fêmea com espermateca curta, com ramo interno dilatado e projetado. (Figuras 3 D, 8 C).

Elenco: cinco espécies: *B. panamanus*, que ocorre em regiões com 270 a 1200 m de altitude no Panamá, *B. bonaldoi* sp. n., *B. caxiuana* sp. n., e *B. cristinae* sp. n., que ocorrem na Bacia amazônica, e *B. pulchripes*, do norte da Cordilheira dos Andes.

3.6.1.1 *Bolostromus panamanus* (Petrunkevitch)
(Figuras 3 A-F, 11 A-B, 12 A, 23)

Ancylotrypa panamanus PETRUNKEVITCH 1925: 93 (holótipo fêmea de Rio San Lorenzo, San Lorenzo, Província de Chiriqui, Panamá, depositado no Peabody Museum of Natural History, Yale University, New Haven, não examinado). PETRUNKEVITCH 1939: 194; ROEWER 1942: 163; BONNET 1955: 320.

Bolostromus panamanus: RAVEN 1985: 130; PLATNICK 2007.

Nota: Devido ao holótipo fêmea não ter sido examinado, foram utilizados na redescrição exemplares coletados próximo à localidade-tipo, cujos caracteres foram confirmados através da descrição de PETRUNKEVITCH (1925).

Diagnose. *Bolostromus panamanus* difere das demais espécies pelo palpo do macho com o tégulo longo e engrossado próximo ao embolo, que é curto (Figura 3 A-C) e pela genitália da fêmea com espermateca com um ramo interno reto e mais elevado que ramo o externo, que é projetado anteriormente (Figura 3 D).

Descrição. Macho (AMNH). Coloração: carapaça marrom-escuro-avermelhada. Dorso do abdômen marrom-escuro e uma mancha marrom na região anterior (Figura 11 A-B), ventre amarelo-escuro com uma mancha distal; pernas I-IV: fêmures até as tíbias marrons, metatarsos I-II amarelos, metatarsos III-IV e tarsos I-IV marrom-claros. Comprimento total 3,22. Carapaça: comprimento 1,72, largura 1,44, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,03. Cômoro ocular: comprimento 0,28, largura 0,49. Fila anterior dos olhos levemente recurva e posterior recurva. OMA 0,14, OLA 0,13, OMP 0,06, OLP 0,10. Segmento basal da quelícera com sete dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por cinco espinhos fortes em uma fila. Enditos com sete cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,26, largura 0,34. Esterno: comprimento 1,12, largura 0,82, com seis sigilas marginais do mesmo tamanho. Medidas: palpo: fêmur 0,98/ patela 0,54/ tíbia 0,78/ címbio 0,42/ total 2,72; pernas: I: fêmur 1,70/ patela 0,94/ tíbia 1,40/ metatarso 1,20/ tarso 0,78/ total 8,74; II: 1,48/ 0,78/ 1,16/ 1,00/ 0,66/ 5,08; III: 1,10/ 0,60/ 0,62/ 0,82/ 0,56/ 3,70; IV: 1,62/ 0,80/ 1,40/ 1,24/ 0,60/ 8,09. Espinulação: palpo: címbio d0-0-5 longos; pernas: I: fêmur d1-0-0, tíbia v1r-0-1r-1p-(1r megaespinho)-0-0 (Figura 3 E-F); II: fêmur d1-0-0, tíbia v1r-0-1r-0-3ap, metatarso v1r-0-0-2r ap; III: fêmur d1-0-0, patela d10, tíbia d1-0-0, v1p-0-0-0-2ap, p0-0-0-1-1ap, r1ap, metatarso d2-1p-1r-2, v1p-0-0-3ap, tarso v0-0-1p-0-0; IV: fêmur d1-1-0-(8p ap, dispostos em uma fila), tíbia v1-0-1-0-2ap, metatarso v1p-1p-0-3ap, tarso 0-0-1-0. Metatarso I com dilatação distal (Figura 3 E-F). Escópula presente nos 2/5 distais do metatarso I-II. Dentes das unhas tarsais: I: 3, 13/ 11, 3; II: 2, 9/ 10, 2; III: 3, 5/ 4, 3; IV: 4, 5/ 5, 4. FLP: segmento basal 0,28, segmento médio 0,22, segmento apical 0,30. Tíbia do palpo longa, sem dilatação. Tégulo piriforme alongado com embolo curto e levemente curvado (Figura 3 A-C).

Redescrição. Fêmea (CAS). Coloração: carapaça marrom-escuro-amarelada. Dorso do abdômen marrom-escuro com uma mancha amarela na região anterior (Figura 12 A), ventre marrom-claro-amarelado; pernas I-IV marrom; perna I e pedipalpos com uma mancha contínua marrom-escuro nas laterais; perna II com manchas marrom-escuras espaçadas e pernas III-IV com manchas marrom-claras (Figura 12 A). Comprimento total 8,65. Carapaça: comprimento 3,95, largura 2,90, com a fôvea estreita. Clípeo estreito 0,08. Cômoro ocular: comprimento 0,60, largura 1,00. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,24, OLA 0,23, OMP 0,10, OLP 0,15. Segmento basal da quelícera com nove dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por 13 espinhos fortes em duas filas. Enditos com 15 cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,80, largura 0,75. Esterno: comprimento 2,10, largura 1,62, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais, com o dobro do tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 2,00/ patela 0,95/ tíbia 1,17/ tarso 1,25/ total 5,37; pernas: I: fêmur 2,75/ patela 1,82/ tíbia 2,10/ metatarso 1,95/ tarso 1,25/ total 9,87;

II: 2,40/ 1,55/ 1,80/ 1,70/ 1,05/ 8,50; III: 1,70/ 1,20/ 1,02/ 1,30/ 0,85/ 6,07; IV: 2,85/ 1,55/ 2,50/ 2,95/ 0,95/ 9,80. Espinulação: palpo: tibia v2-1p-2-1p-4ap, tarso v2-2-1; pernas I: fêmur d1-1-0-0-1-1, tibia v1-0-1-1, metatarso v1-1-0-3ap; II: patela v0-0-1, tibia d1-1-1, v1-1-1, metatarso v1r-1p-1r-3ap; III: patela d16, tibia d0-1-0-1p-0, v1p-2-1p, metatarso d2-2-2-2-0-2ap, v2-2-3ap, tarso v0-1p-0-1-2; IV: fêmur 1-1-0-0-0-(d9p ap, dispostos em uma fila), tibia v1-1-1-0-2ap, metatarso d0-0-1r-1r-1r-1r, v2-1-2-1p-3ap, tarso 0-0-1p-1p-2-1r-2. Escópula presente até a metade do metatarso I e até 1/3 do II. Unha do tarso do pedipalpo com 10 dentes em uma fila prolateral. Dentes das unhas tarsais: I: 12, 12/ 12, 12; II: 10, 9/ 9, 11; III: 4, 4/ 4, 4; IV: 5, 3/ 4, 5. FLP: segmento basal 0,75, segmento médio 0,57, segmento apical 0,77. Genitália da fêmea com espermateca esclerotizadas com base estreita ou média (Figura 3 D).

História Natural. Vivem em tocas pouco profundas e revestidas de seda, embaixo de troncos caídos (PETRUNKEVITCH 1925).

Material adicional examinado. PANAMÁ: **Cólon**, 1 macho, 10-12.VI.1977, S. Peck col. (AMNH); **Coclé**, Santa Rita, La Mesa, (acima de El Valle) 1 fêmea (CAS).

Distribuição. Panamá: províncias de Chiriqui, Coclé e Cólon (Figura 23).

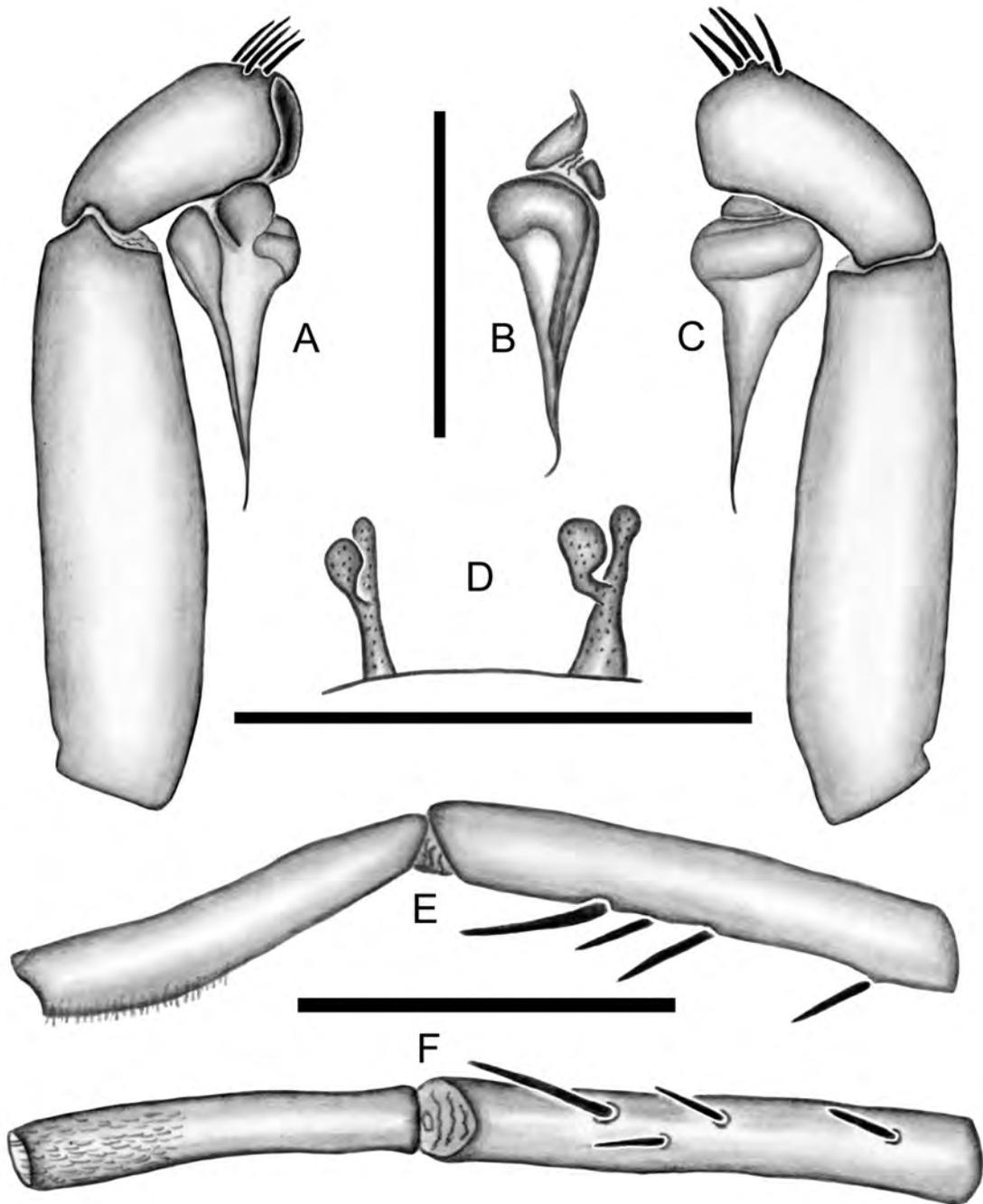


Figura 3. A-F. *Bolostromus panamanus* (Petrunkevitch). A-C, E-F. Macho (AMNH). A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo, vista ventral; C. Bulbo e palpo, vista retrolateral; D. Fêmea (CAS), espermateca, vista dorsal; E-F. Perna I esquerda, tíbia e metatarso; E. Vista retrolateral; F. Vista ventral. Escalas. Figuras A-D = 0,5 mm e E-F = 1 mm.

3.6.1.2 *Bolostromus bonaldoi* sp. n.
(Figuras 4 A-F, 5 A-D, 6 A-D, 11 C-D, 23)

Tipos. Holótipo macho da Estação Científica Ferreira Penna, Floresta Nacional de Caxiuanã, Melgaço, Pará, Brasil, 5-9.IV.2002, Equipe MPEG col., depositado no MPEG 1025. Parátipos: mesmo local do holótipo, 1 macho, Equipe MPEG col. (MPEG 1792); 1 macho, 21-30.XI.2000, A. B. Bonaldo col. (MPEG 1790); 1 macho, Equipe MPEG col. (SMNK); 1 macho, 9-22.IV.2002, Equipe MPEG col. (IBSP 13230); 1 macho, Equipe MPEG col. (MCN); 1 macho, Almerim, (Jarí), 25.V.2005, T. Gardner & M. A. Ribeiro Júnior col. (MPEG 2403); 1 macho, Porto Walter, Acre, II-IV.1996, L. Vitt et al. col. (MCTP 10460).

Etimologia. O nome específico é em homenagem ao aracnólogo Alexandre Braggio Bonaldo, do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Diagnose. *Bolostromus bonaldoi* sp. n. difere das demais espécies do gênero, menos de *B. panamanus*, *B. caxiuana* sp. n. e *B. fauna* pelo metatarso I dilatado distalmente (Figura 6 C-D). Difere de *B. panamanus* pelo êmbolo longo e curvo (Figura 6 A-B), de *B. caxiuana* pela dilatação no metatarso I menor e pelo comprimento do corpo duas a três vezes maior (6 mm) e de *B. fauna* pela ausência de espinhos na tíbia do palpo do macho (Figura 6 A-B).

Descrição. Macho (holótipo). Coloração: carapaça marrom-avermelhada. Dorso do abdômen marrom-avermelhado com uma mancha marrom-clara na região anterior (Figura 11 C-D), ventre amarelo-escuro; pernas I-IV: coxa e trocanter amarelo-escuro, fêmur marrom-escuro, patela até o tarso marrom-claro. Comprimento total 6,12. Carapaça: comprimento 3,00, largura 2,27, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,06. Cômoro ocular: comprimento 0,37, largura 0,75. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,20, OLA 0,17, OMP 0,11, OLP 0,13. Segmento basal da quelícera com sete dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por sete espinhos fortes em uma fila. Enditos com 15 cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,42, largura 0,45. Esterno: comprimento 1,75, largura 1,15, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais com o dobro do tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 1,75/ patela 0,85/ tíbia 1,32/ címbio 0,52/ total 4,44; pernas: I: fêmur 2,77/ patela 1,50/ tíbia 2,30/ metatarso 1,91/ tarso 1,17/ total 9,65; II: 2,41/ 1,30/ 2,02/ 1,55/ 1,10/ 8,38; III: 1,81/ 0,87/ 1,12/ 1,62/ 1,06/ 6,48; IV: 2,70/ 1,25/ 2,60/ 2,37/ 1,15/ 10,07. Espinulação: palpo: fêmur d0-0-0-0-1r, címbio d0-0-4 longos; pernas: I: fêmur d1-1-1, patela v0-0-1r-1r, tíbia v2-1p-2-0-2-(1r megaespinho)-0, metatarso v0-0-1-0-1r ap; II: fêmur d1-1-1, patela v0-0-1-1ap, tíbia v1p-1r-0-2-1r-2ap, metatarso v0-2r-0-3ap, tarso v2-0-1r-1r; III: fêmur d0-1-0-1-0, patela d12, tíbia d1-0-0-0, v1p-0-1r-0-3ap, p1-0-0-1-0, metatarso d2-2-0-1r-2p-2r, v0-2-0-2-0-3ap, tarso v0-0-1p-0-2-2-0; IV: fêmur d1-1-1-1-(5p ap, dispostos em uma fila), patela v1ap, tíbia v1-1p-0-1p-1r-2ap, metatarso d0-1r-0-1r, v0-2-0-2-1p-3ap, tarso 0-1r-0. Metatarso I com dilatação distal (Figura 6 C-D). Escópula presente nos 2/3 distais do metatarso I, 5/6 distais do II. Dentes das unhas tarsais: I: 4, 11/ 12, 3; II: 3, 10/ 11, 4; III: 4, 7/ 8, 3; IV: 4, 7/ 6, 4. FLP: segmento basal 0,50, segmento médio 0,41, segmento apical 0,44. Tíbia do palpo longa sem dilatação (Figura 6 A-B). Tégulo piriforme com êmbolo longo e curvado (Figura 6 A-B).

Fêmea. Desconhecida.

Variação. Machos (n = 10). Comprimento total 3,85-6,12. Comprimento da carapaça 1,45-3,00. Cúspides nos enditos 11-15. Espinhos no rastelo 4-7. Espinhos no címbio 4-5. Espinhos apicais no fêmur IV 4-8 em uma ou duas filas.

História Natural. Todos os espécimes foram coletados com armadilhas de solo para répteis, com 18-20 cm de diâmetro, em áreas de vegetação primária na Floresta Nacional de Caxiuanã.

Material adicional examinado. BRASIL: **Pará:** Melgaço, (Estação Científica Ferreira Penna, Floresta Nacional de Caxiuanã), 1 macho, 9-23.IV.2002, Equipe MPEG col., (MPEG 1022); 1 macho, Equipe MPEG col. (MPEG 1787); 1 macho, 5-21.VI.2003, Equipe MPEG col. (MPEG 1023); 1 macho, 4.IV.2002, J. A. P. Barreiros col. (MPEG 1028); 1 macho, Equipe MPEG col. (IBSP 13231); (Igarapé Laranjal, comunidade do Laranjal), 1 macho, 7.IV.1998, J. A. R. Bernardi et al. (MPEG 509); Senador Porfírio, (margem direita do Rio Xingu, Trilha do acampamento), 1 macho, 25.II.2001 (MPEG 236); Almerim, (Jarí), 3 machos (MPEG 2220); 1 macho, T. Gardner & M. A. Ribeiro Junior col. (IBSP 13232); 1 macho, 25.V.2005 (MPEG 2402).

Distribuição. Brasil: estados do Pará e Acre (Figura 23).

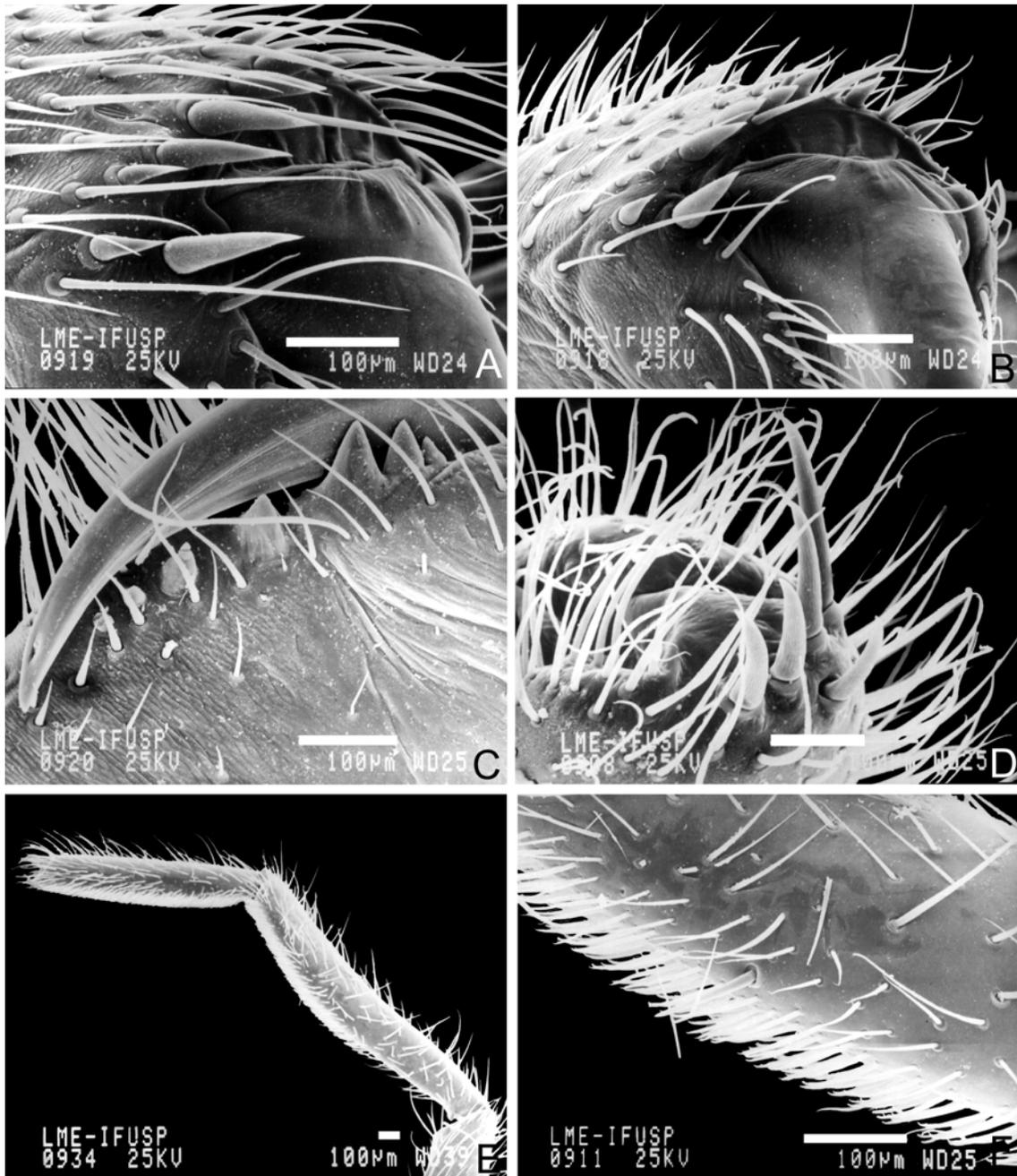


Figura 4. A-F. *Bolostromus bonaldoi* sp. n. A-B. Rastelo, promargem da quelícera; A. Vista prolateral; B. Vista frontal. C. Dentes da promargem da quelícera, vista prolateral; D. Espinhos do címbio, vista prolateral; E-F. Perna I esquerda, vista retrolateral; E. Dilatação no metatarso; F. Detalhe da escópula do metatarso. Escalas. Figuras A-F = 100 µm.

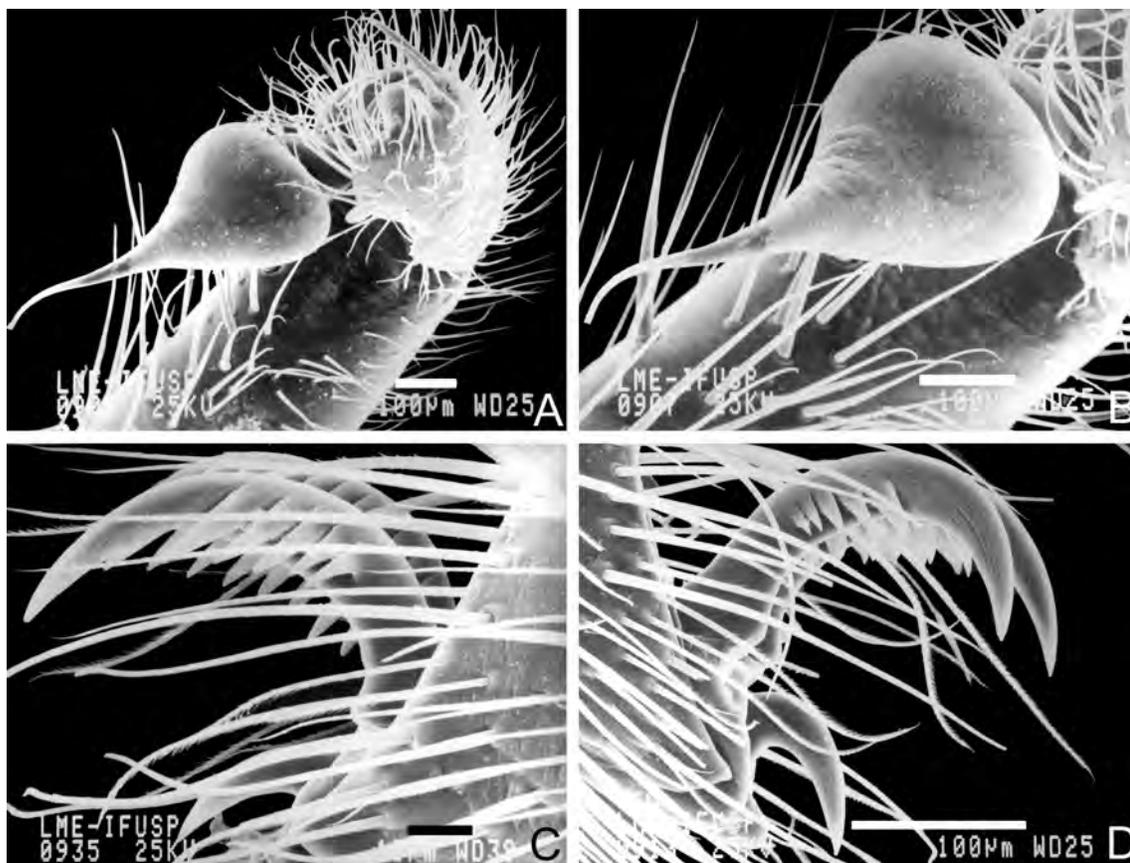


Figura 5. A-D. *Bolostromus bonaldoi* sp. n. A-B. Bulbo do palpo do macho, vista retrolateral; A. Címbio e bulbo; B. Bulbo; C-D. Unhas tarsais, vista retrolateral; C. Unha I; D. Unha IV. Escalas. Figuras A-D = 100 µm.

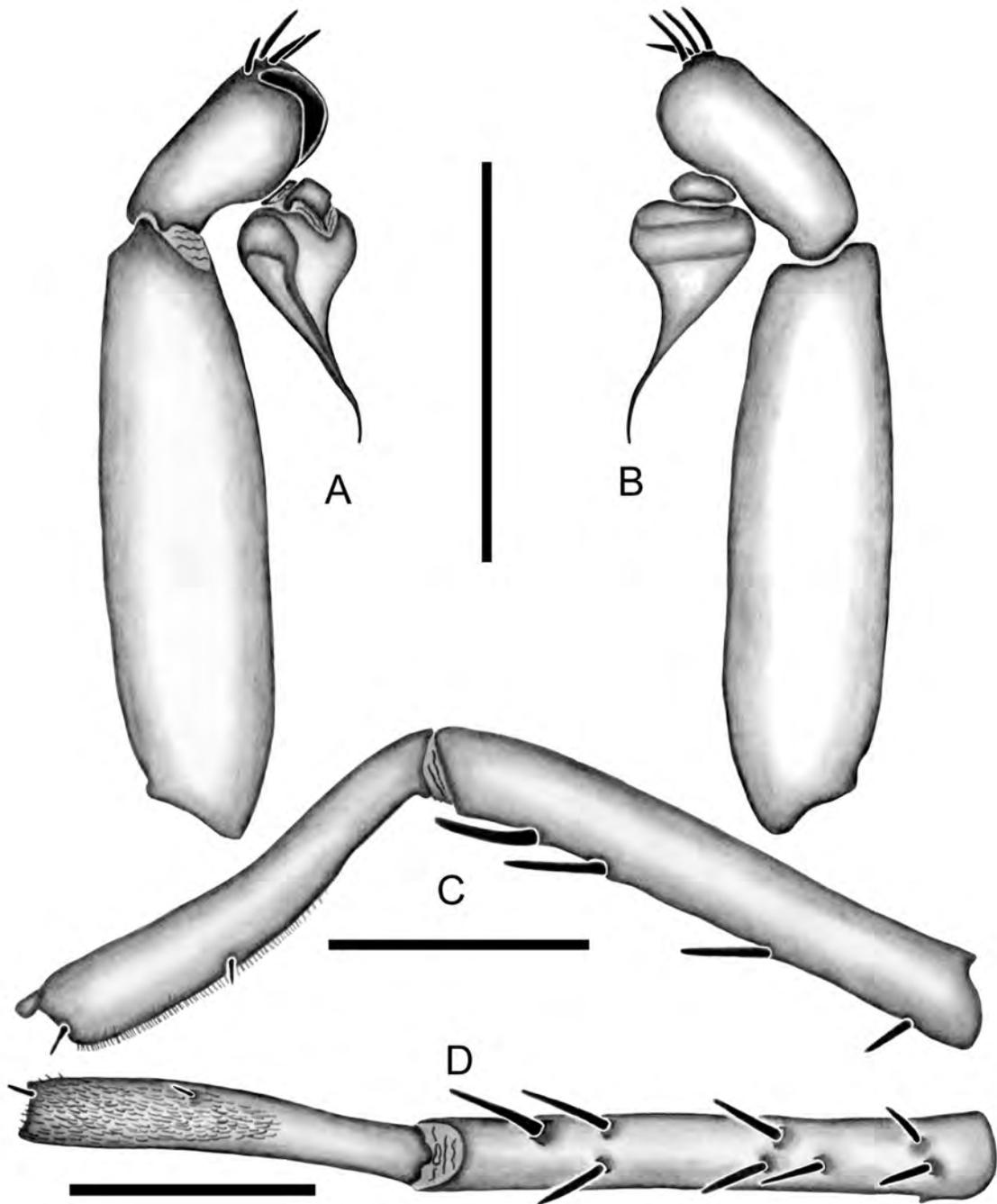


Figura 6. A-D. *Bolostromus bonaldoi* sp. n., macho holótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo e palpo, vista retrolateral; C-D. Perna I esquerda, tíbia e metatarso; C. Vista retrolateral; D. Vista ventral. Escalas. Figuras A-D = 1 mm.

3.6.1.3 *Bolostromus caxiuana* sp. n.

(Figuras 7 A-E, 8 A-E, 11 E-F, 23)

Tipos. Holótipo macho da Estação Científica Ferreira Penna, Floresta Nacional de Caxiuanã, Melgaço, Pará, Brasil, s/ data, Equipe MPEG col., depositado no MPEG 1796. Parátipos: mesmo local do holótipo, 1 macho, Equipe MPEG col. (MPEG 1795); 1 macho (MPEG 1793); 1 macho, (MPEG 1797); 1 macho, 9-22.IV.2002, Equipe MPEG col. (MPEG 1026); 1 macho (IBSP 13233); 1 macho, (MPEG 1797); 2 machos, Porto Walter, Acre, II-IV.1996, L. Vitt et al. col. (MCTP 10459).

Etimologia. O nome específico é um topônimo em aposição e refere-se à localidade-tipo.

Diagnose. *Bolostromus caxiuana* sp. n. difere das demais espécies do gênero pelos olhos médios anteriores com o dobro do diâmetro dos laterais anteriores, metatarso I extremamente dilatado distalmente na região ventral (Figuras 7 A, 8 D-E) e rastelo formado por espinhos fortes e longos.

Descrição. Macho (holótipo). Coloração: carapaça marrom-avermelhada-clara. Dorso do abdômen marrom-avermelhado-escuro com uma mancha marrom-clara na região anterior (Figura 11 E-F), ventre amarelo-escuro. Perna I: coxa e trocânter marrom-claro, fêmur até a tíbia marrom-escuro, metatarso e tarso marrom-claro com a área dilatada amarela; pernas II-IV marrons. Comprimento total 2,89. Carapaça: comprimento 1,47, largura 1,12, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,03. Cômoro ocular: comprimento 0,24, largura 0,45. Fila anterior procurva e posterior dos olhos recurva. OMA 0,19, OLA 0,11, OMP 0,05, OLP 0,09. Segmento basal da quelícera com 4-5 dentes promarginais. Rastelo formado por quatro espinhos fortes em uma fila, o espinho interno tem o dobro do tamanho dos outros. Enditos com quatro cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,16, largura 0,25. Esterno: comprimento 0,95, largura 0,70, com seis sigilas pouco visíveis, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais, com o dobro do tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 0,72/ patela 0,35/ tíbia 0,55/ címbio 0,32/ total 1,94; pernas: I: fêmur 1,30/ patela 0,62/ tíbia 1,12/ metatarso 0,85/ tarso 0,61/ total 4,5; II: 1,17/ 0,62/ 0,86/ 0,72/ 0,50/ 3,87; III: 0,84/ 0,45/ 0,50/ 0,70/ 0,49/ 2,98; IV: 1,20/ 0,57/ 1,04/ 0,97/ 0,54/ 4,24. Espinulação: palpo: címbio d0-0-3 longos; pernas: I: fêmur d1-1-1, patela v0-1r-1r, tíbia v0-1r-1r-1r-(1r megaespinho)-0-1p ap; II: fêmur d1-1-1, patela v0-1-1, tíbia d0-1p-0, v0-1-0-1-1-0-0-2ap, metatarso v1ap; III: fêmur d1-0-0, patela d9, tíbia d1r-1p-2, v0-0-1r-0-2ap, metatarso d0-1r-1p-1p-1r-3, v0-2-1r-0-3ap; IV: fêmur d1-1-1-(5p ap, dispostos em uma fila), patela v0-0-1, tíbia v1p-0-1-0-2ap, metatarso d0-1r-0-1r, v0-1-0-1p-0-2ap. Metatarso I com forte dilatação no terço distal (Figuras 7 A, 8 D-E). Escópula presente nos 3/5 distais do metatarso I, 3/4 distais do II. Dentes das unhas tarsais: I: 6, 8/7, 4; II: 4,8/7,3; III: 2, 5/5, 3; IV: 4, 5/6, 2. FLP: segmento basal 0,25, segmento médio 0,14, segmento apical 0,20. Tíbia do palpo longa e levemente dilatada no terço basal. Tégulo piriforme curto com êmbolo longo com uma forte curvatura prolateral (Figura 8 A-C).

Fêmea. Desconhecida.

Variação. Machos (n = 10). Comprimento total 2,10-2,90. Comprimento da carapaça 1,05-1,47. Cúspides nos enditos 11-15. Espinhos no rastelo 3-4. Espinhos apicais no fêmur IV 3-9 em uma ou duas filas.

História Natural. Todos os espécimes foram coletados com armadilhas de solo para répteis, com 18-20 cm de diâmetro em áreas de vegetação primária na Floresta Nacional de Caxiuanã.

Material adicional examinado. BRASIL: Pará: Melgaço, (Estação Científica Ferreira Penna, Floresta Nacional de Caxiuanã), 1 macho, Equipe MPEG col. (MPEG 1786); 1 macho,

Equipe MPEG col. (MPEG 1788); 1 macho, 05-20.IV.2002, Equipe MPEG col. (MPEG 1027); 1 macho, Equipe MPEG col. (IBSP 13234); 1 macho (IBSP 13235).

Distribuição. Brasil: estados do Pará e Acre (Figura 23).

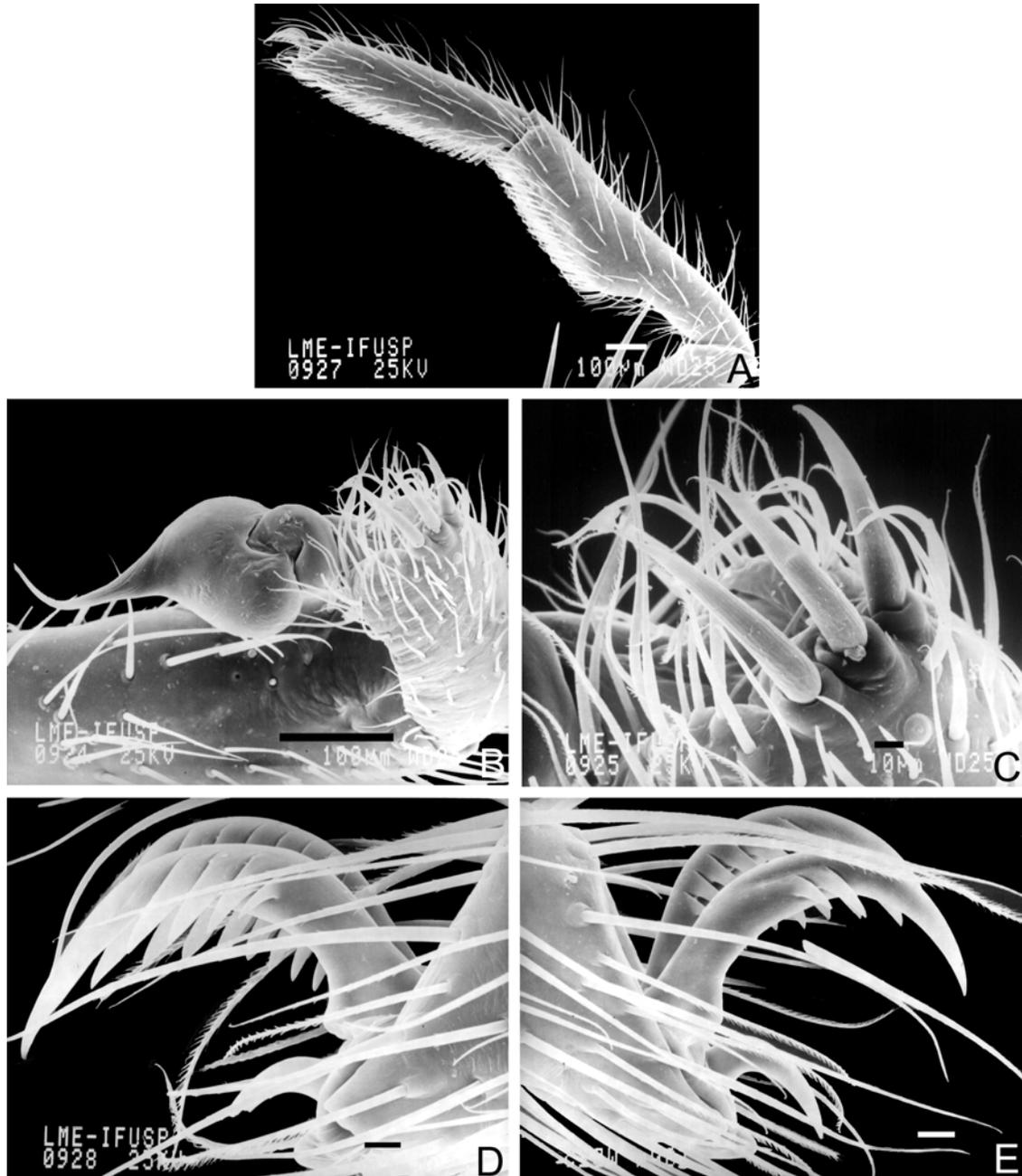


Figura 7. A-E. *Bolostromus caxiuana* sp. n., macho. A. Metatarso I dilatado, vista retrolateral; B. Bulbo, vista prolateral; C. Espinhos do címbio, vista dorsal; D-E. Unhas dos tarsos, vista retrolateral; D. Unha I; E. Unha IV. Escalas. Figuras A-B, D-E = 100 μm; C = 10 μm.

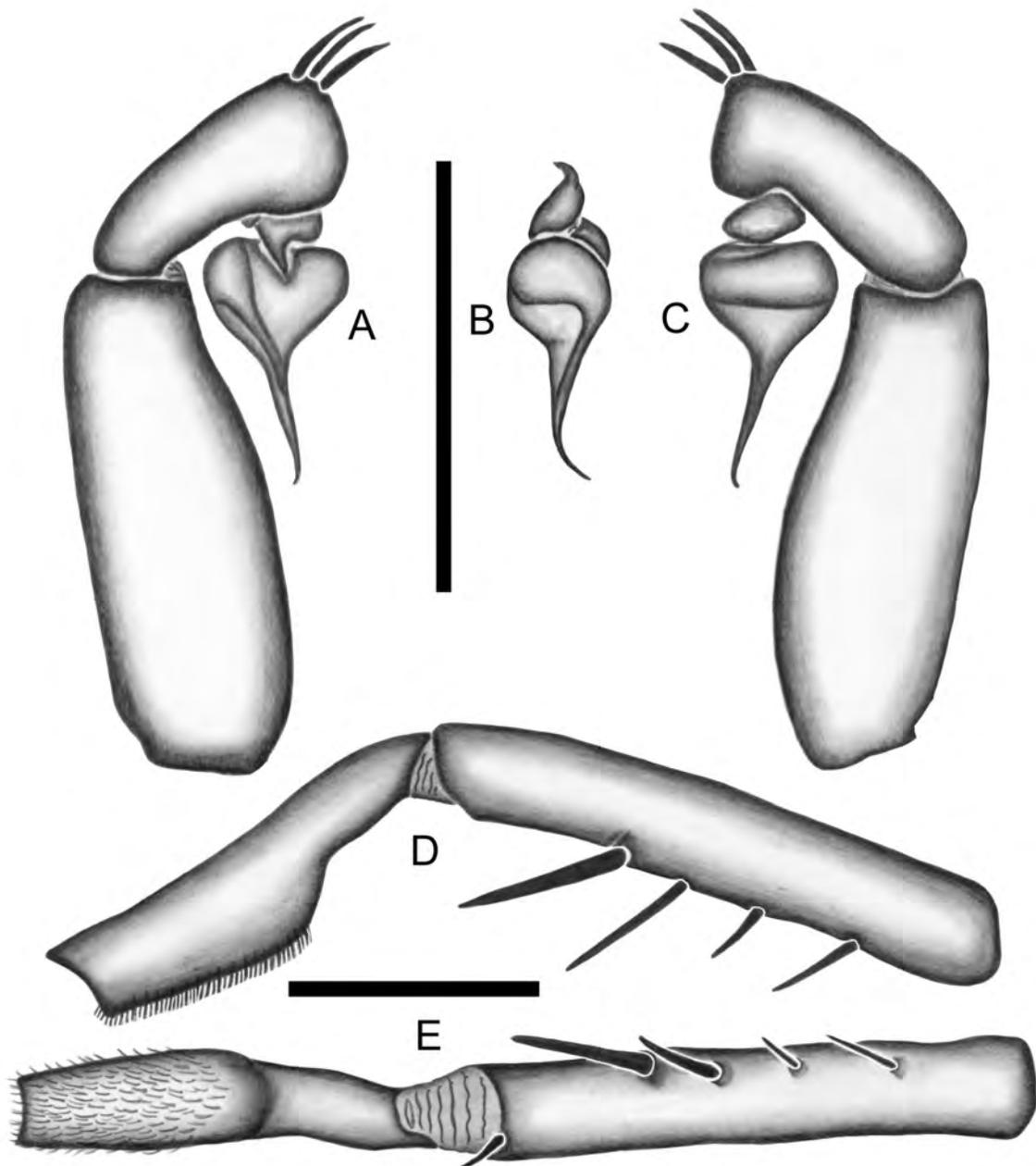


Figura 8. A-E. *Bolostromus caxiuana* sp. n., macho holótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo, vista ventral; C. Bulbo e palpo, vista retrolateral; D-E. Perna I esquerda, tíbia e metatarso; D. Vista retrolateral; E. Vista ventral. Escalas. Figuras A-E = 0,5 mm.

3.6.1.4 *Bolostromus cristinae* sp. n.
(Figuras 9 A-E, 11 G-H, 12 B, 23)

Tipos. Holótipo macho da Reserva do Colosso, Reservas do Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF), 70 km ao norte de Manaus, Amazonas, Brasil, 20-30.XI.2001, F. Rego col., depositado no IBSP 13236. Parátipos: mesmos dados do holótipo, 1 macho (IBSP 13237); 1 macho (MPEG); 1 fêmea (IBSP 13238); 1 fêmea (MPEG); Reserva Florestal Adolfo Ducke, Manaus, 1 macho, 2-28.II.1993, H. Höfer col. (SMNK 3612); 1 macho (AMNH); 1 fêmea (AMNH).

Etimologia. O nome específico é em homenagem a aracnóloga Cristina Anne Rheims, pela amizade em todos esses anos de trabalho no Laboratório de Artrópodes, Instituto Butantan e pela ajuda na taxonomia de aranhas desde o início.

Diagnose. *Bolostromus cristinae* sp. n. difere das demais espécies pelo metatarso I branco, levemente dilatado até a região basal e pela espermateca da genitália da fêmea com a base levemente larga, com o ramo interno reto mais longo que o ramo externo (Figura 9 C).

Descrição. Macho (holótipo). Coloração: carapaça alaranjada na área central e marrom-escura-acinzentada nas bordas (Figura 11 G-H). Pedipalpo e fêmur I marrom-escuro; patela e tibia I marrom; metatarso I branco; tarso I e pernas II-IV marrom-claro. Dorso do abdômen cinza-amarelado, ventre amarelo-claro. Comprimento total 2,97. Carapaça: comprimento 1,45, largura 1,40, com a fôvea larga. Clípeo estreito 0,03. Cômoro ocular: comprimento 0,22, largura 0,40. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,11, OLA 0,10, OMP 0,07, OLP 0,10. Segmento basal da quelícera com 4-5 dentes promarginais. Rastelo formado por cinco espinhos fortes em uma fila. Enditos com 7-8 cúspides. Lábio: comprimento 0,17, largura 0,22. Esterno: comprimento 0,95, largura 0,69, com seis sigilas marginais, duas posteriores 1/3 maiores que o tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 0,82/ patela 0,37/ tibia 0,62/ címbio 0,32/ total 2,13; pernas: I: fêmur 1,31/ patela 0,69/ tibia 1,25/ metatarso 0,92/ tarso 0,57/ total 4,74; II: 1,17/ 0,62/ 0,97/ 0,77/ 0,54/ 4,07; III: 0,90/ 0,40/ 0,55/ 0,72/ 0,51/ 3,08; IV: 1,30/ 0,65/ 1,27/ 1,12/ 0,52/ 4,86. Espinulação: palpo: címbio d0-0-4 longos; pernas I: fêmur d1-1-1-1-1, tibia v0-1r-0-1r-0-(1r megaespinho)-0, metatarso v1r ap; II: fêmur d1-1-1-1, tibia v0-1-0-0-1r-0; III: fêmur d0-1-1-0-0, patela d5, tibia d2-0-0-1p-0-1r, v1p-0-0-2ap; metatarso d0-1r-1p-0-0-1r-2, v2-1p-0-0-3ap; IV: fêmur d0-1-1-0-1-1-(4p ap, dispostos em uma fila), tibia v1-0-1-0-2ap, metatarso v1p-0-1p-0-3ap. Metatarso I com dilatação no terço distal (Figura 9 D-E). Escópula presente nos 4/5 distais do metatarso I-II. Dentes das unhas tarsais: I: 11, 8/ 8, 3; II: 3, 9/ 8, 2; III: 1, 5/ 6, 1; IV: 2, 6/ 5, 2. FLP: segmento basal 0,25, segmento médio 0,20, segmento apical 0,20. Tibia do palpo longa e levemente dilatada no terço basal. Tégulo piriforme com êmbolo longo e curvado (Figura 9 A-B).

Descrição. Fêmea (parátipo IBSP 13238). Coloração: carapaça marrom-amarelada. Dorso do abdômen marrom-escuro com uma mancha amarela na região anterior (Figura 12 B), ventre amarelo-escuro; pedipalpos e pernas I-IV amarelo-escuro; pedipalpos e pernas I-II com manchas marrom-escuras e nas III-IV marrom-claras (Figura 12 B). Comprimento total 5,61. Carapaça: comprimento 2,17, largura 1,61, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,02. Cômoro ocular: comprimento 0,34, largura 0,60. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,12, OLA 0,18, OMP 0,08, OLP 0,11. Segmento basal da quelícera com sete dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por 6-7 espinhos fortes em uma fila. Enditos com 10-11 cúspides. Lábio: comprimento 0,32, largura 0,37. Esterno: comprimento 1,22, largura 0,97, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais 1/3 maiores que o tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 1,12/ patela 0,65/ tibia 0,67/ tarso 0,70/ total 3,14; pernas: I: fêmur 1,67/ patela 0,94/ tibia 1,17/ metatarso 0,95/ tarso 0,67/

total 5,14; II: 1,42/ 0,87/ 1,00/ 0,80/ 0,59/ 4,68; III: 1,11/ 0,62/ 0,50/ 0,71/ 0,49/ 3,43; IV: 1,64/ 0,90/ 1,37/ 1,12/ 0,52/ 5,52. Espinulação: palpo: tíbia v2-0-2-0-3ap, tarso v1r-2-1p-1r-0; pernas: I: tíbia v1r-0-0-1r-0, metatarso v0-2-3-2-1r-0-0-3ap; II: fêmur d1-1-0-0-0, tíbia v1-0-0-1-0, metatarso v2-0-2-0-3ap, tarso v0-0-1r-0; III: patela d10, tíbia d1-0-1p-1r-1r, v2ap, metatarso d2r-2-1r-2p-2r-0-3, v0-2-0-2-0-1p-2ap, tarso v0-0-1p-0; IV: fêmur d5p ap, dispostos em uma fila, tíbia v0-1p-0-0-1p-0-0-2ap, metatarso d0-0-1r-0-0-1r, v0-1p-0-1p-0-3ap fortes, tarso 0-0-1p-0. Escópula presente nos 2/5 distais do metatarso I-II. Unha do tarso do pedipalpo com 14 dentes em uma fila prolateral. Dentes das unhas tarsais: I: 23, 22/ 22, 23; II: 15, 13/ 12, 12; III: 3, 4/ 4, 3; IV: 3, 4/ 4, 3. FLP: segmento basal 0,39, segmento médio 0,26, segmento apical 0,34. Genitália da fêmea com espermateca translúcida com base levemente larga, com o ramo interno reto e mais longo que o externo (Figura 9 C).

Varição. Machos (n = 5). Comprimento total 2,85-3,12. Comprimento da carapaça 1,40-1,50. Cúspides nos enditos 7-9. Espinhos no rastelo 4-5. Espinhos no címbio 3-4. Espinhos apicais no fêmur IV 4-6 em uma fila. Fêmeas (n = 4). Comprimento total 5,05-5,87. Comprimento da carapaça 1,87-2,50. Cúspides nos enditos 10-16. Espinhos no rastelo 5-7. Espinhos apicais no fêmur IV 5-6 em uma fila.

História Natural. Todos coletados com armadilhas de solo de 500 ml, com nove centímetros de diâmetro.

Material adicional examinado. BRASIL: Amazonas: Manaus: 1 macho, (Reserva do Colosso, Reservas do Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF), 70km ao norte de Manaus), 26.X.2001, F. Rego et al. col. (IBSP 13240); (Reserva Florestal Adolpho Ducke), 1 fêmea, s/ data e col. (IBSP 13241).

Distribuição. Brasil: Estado do Amazonas (Figura 23).

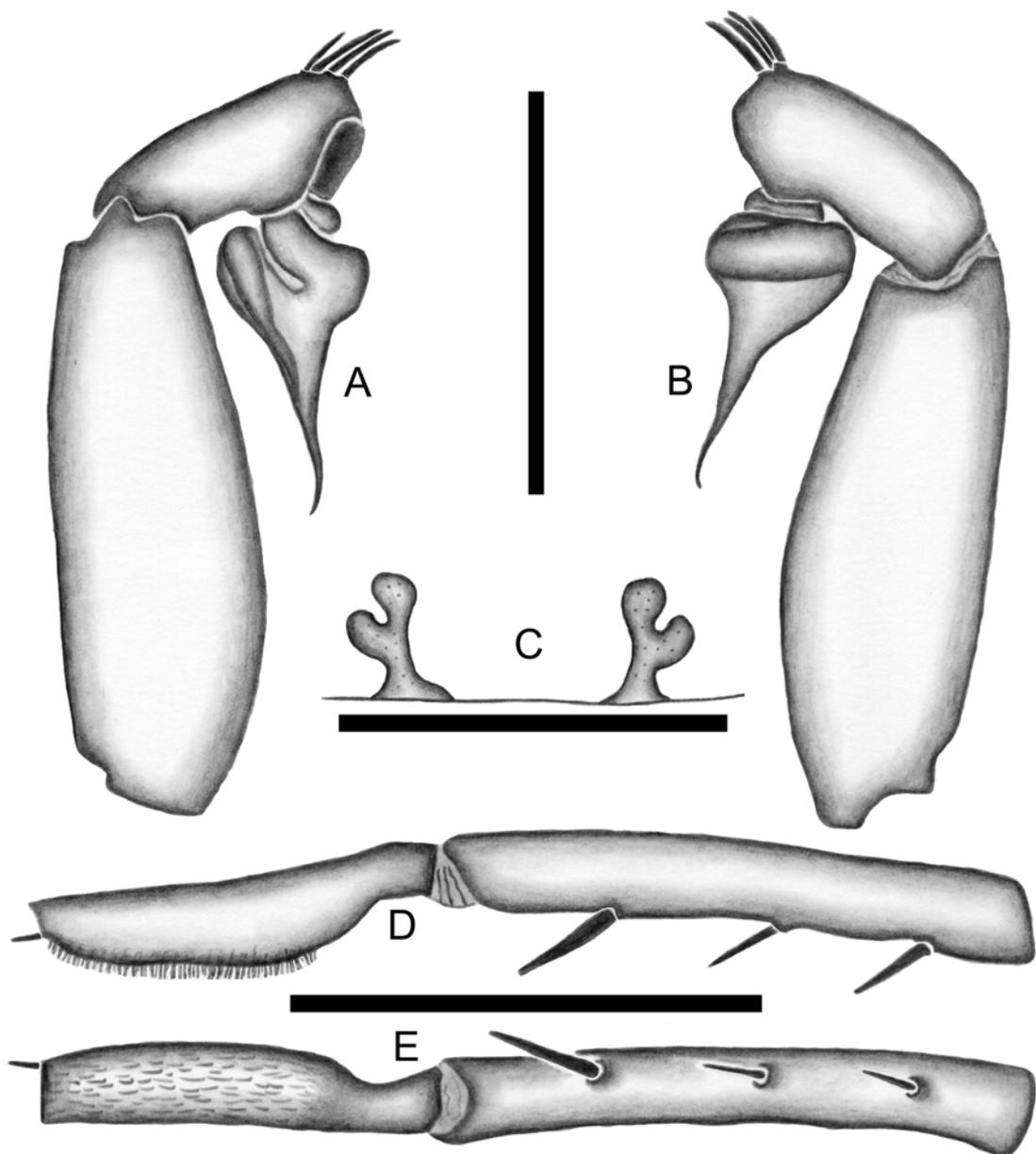


Figura 9. A-E. *Bolostromus cristinae* sp. n. A-B, D-E. Macho holótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo e palpo, vista retrolateral; C. Fêmea (parátipo IBSP 13238), espermateca, vista dorsal; D-E. Perna I esquerda, tíbia e metatarso; D. Vista retrolateral; E. Vista ventral. Escalas. Figuras A-C = 0,5 mm e D-E = 1 mm.

3.6.1.5 *Bolostromus pulchripes* (Simon)
(Figuras 10, 12 C-D, 23)

Celidotopus pulchripes SIMON 1889a: 185, (lectótipo fêmea e paralectótipos 2 fêmeas, aqui designados, de Colonia Tovar, San Esteban, Estado de Aragua, Venezuela, I.1888, E. Simon col., depositado no MNHN AR 4246, ex coleção Simon 9872, examinados).

Bolostromus pulchripes: SIMON 1903a: 894; PETRUNKEVITCH 1911: 51; PETRUNKEVITCH 1939: 196; ROEWER 1942: 164; BONNET 1955: 894; PLATNICK 2007.

Diagnose. *Bolostromus pulchripes* difere das demais espécies pelo ramo externo da espermateca inclinado, mais curto que o interno, o qual apresenta a curvatura voltada para a região interna (Figura 10).

Redescrição. Fêmea (lectótipo). Coloração: carapaça marrom-clara-alaranjada. Dorso do abdômen marrom com uma mancha marrom-clara na região anterior (Figura 12 C-D), ventre amarelo-escuro; pernas I-IV amarelo-escuro, com manchas marrom-escuras nos pedipalpos, pernas I-II e manchas marrom-claras nas III-IV. Comprimento total 6,90. Carapaça: comprimento 2,55, largura 1,75, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,02. Cômoro ocular: comprimento 0,35, largura 0,65. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,09, OLA 0,18, OMP 0,11, OLP 0,12. Segmento basal da quelícera com cinco dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por oito espinhos fortes em uma fila. Enditos com 7-8 cúspides. Lábio: comprimento 0,42, largura 0,44. Esterno: comprimento 1,50, largura 1,10, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais, 1/3 maiores que as anteriores. Medidas: palpo: fêmur 1,30/ patela 0,70/ tíbia 0,80/ tarso 0,70/ total 3,50; pernas: I: fêmur 1,75/ patela 1,10/ tíbia 1,10/ metatarso 1,00/ tarso 0,70/ total 5,65; II: 1,55/ 1,00/ 1,15/ 0,95/ 0,65/ 5,30; III: 1,20/ 0,75/ 0,60/ 0,80/ 0,50/ 3,85; IV: 1,75/ 1,05/ 1,50/ 1,30/ 1,10/ 6,15. Espinulação: palpo: tíbia v2-0-2-0-3, tarso v1p-1r-1p-0-0; pernas I: tíbia v1r-1r-1r-0, metatarso v2-0-2-0-3ap; II: tíbia v1-1-1-0, metatarso d0-0-0-0-1p, v2-2-0-3ap, tarso v0-0-1r-0; III: patela d8, tíbia d1-0-0, v0-1p-0-1r-2, p0-1-0, r0-0-1, metatarso d1r-0-1r-1p-1p-0-2, v0-2-0-2-0-3ap; IV: fêmur d7p ap, dispostos em uma fila, tíbia v1-1-0-2ap, metatarso v1p-0-2-1p-3ap. Escópula presente no 1/3 distal prolatral do metatarso I. Unha do tarso do pedipalpo com 13 dentes em uma fila prolatral. Dentes das unhas tarsais: I: 15, 17/ 13, 13; II: 15, 11/ 12, 9; III: 2, 3/ 4, 1; IV: 2, 3/ 3, 2. FLP: segmento basal 0,45, segmento médio 0,35, segmento apical 0,45. Genitália da fêmea com espermateca levemente esclerotizada, com base estreita e o ramo externo inclinado mais curto que o interno e curvatura do ramo interno voltada para a região interna (Figura 10).

Macho. Desconhecido.

Varição. Fêmeas (n = 4). Comprimento total 5,75-7,20. Comprimento da carapaça 2,10-3,25. Cúspides nos enditos 7-9. Espinhos no rastelo 7-11. Espinhos apicais no fêmur IV 5-8 em uma fila.

História Natural. Espécie comum em regiões úmidas em Colonia Tovar, San Steban, Venezuela. Constrói túneis na terra, revestidos com seda e sem alçapão. A abertura é um pouco elevada da superfície da terra e camuflada por pequenos gravetos e partículas de terra unidas por fios de seda (SIMON 1889a).

Material adicional examinado. Nenhum.

Distribuição. Conhecida somente para a localidade-tipo (Figura 23).

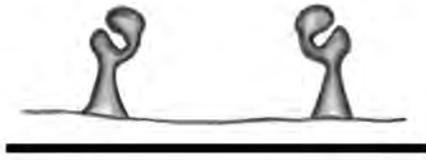


Figura 10. *Bolostromus pulchripes* (Simon). Fêmea lectótipo, espermateca, vista dorsal.
Escala. 0,5 mm.

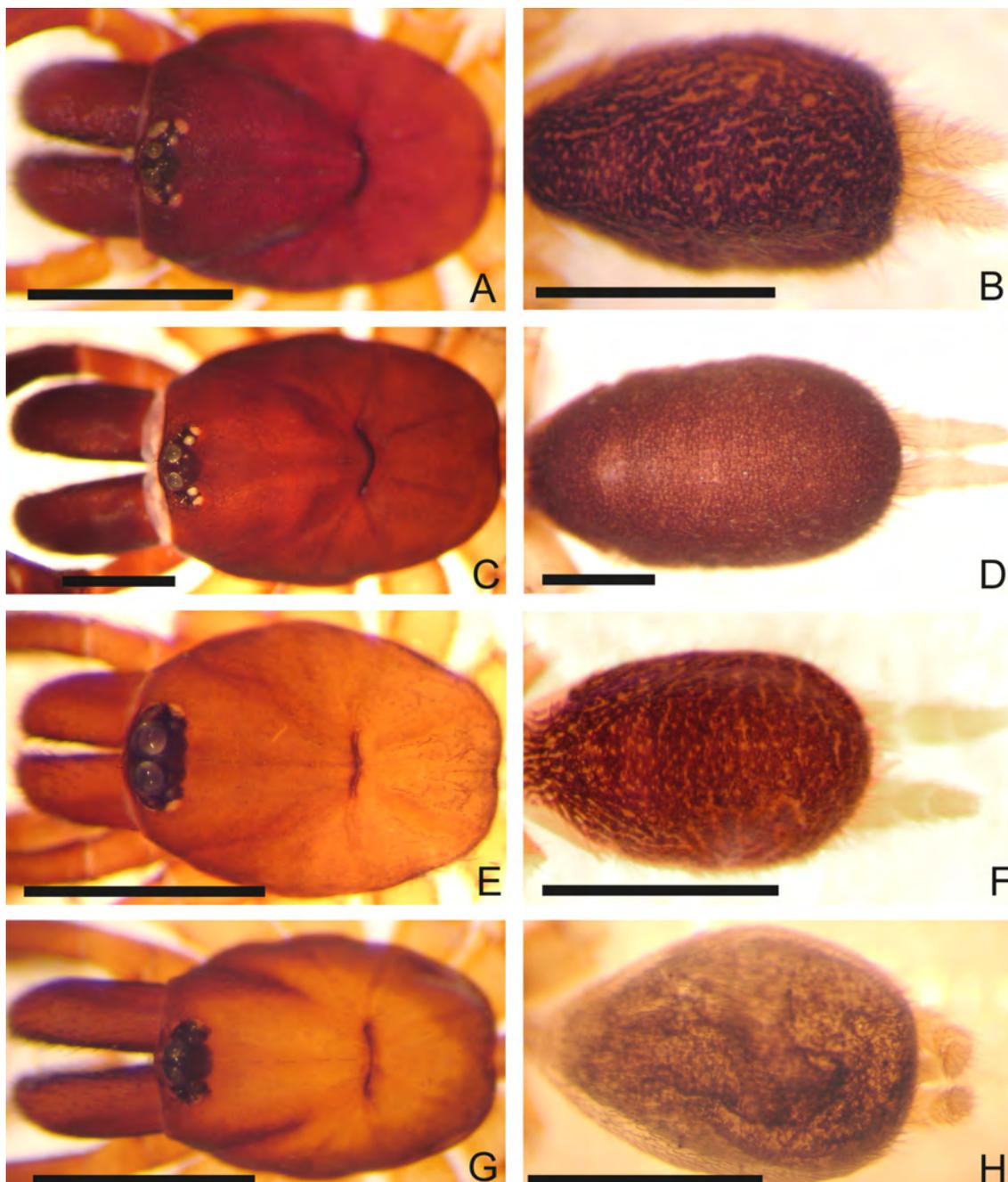


Figura 11. A-H. Grupo *panamanus*, machos. A, C, E e G. Carapaça, vista dorsal; B, D, F e H. Abdômen, vista dorsal. A-B. *Bolostromus panamanus* (AMNH); C-D. *B. bonaldoi* sp. n. holótipo; E-F. *B. caxiuana* sp. n. holótipo; G-H. *B. cristinae* sp. n. holótipo. Escalas. Figuras A-H = 1 mm.

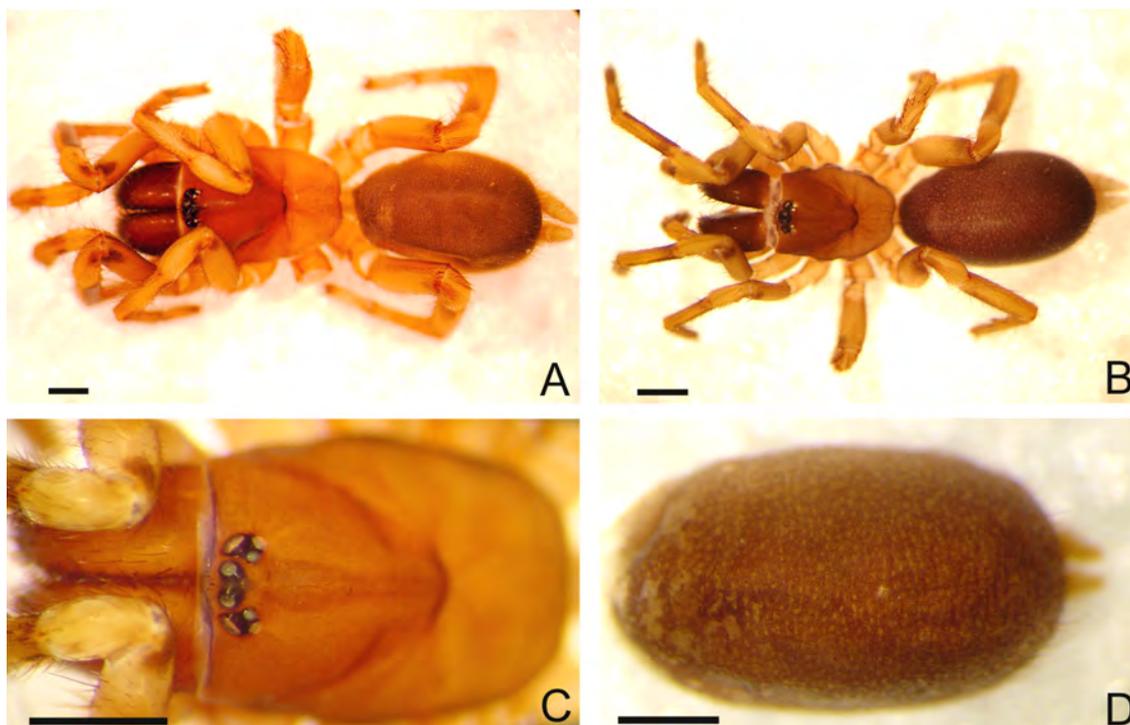


Figura 12. A-D. Grupo *panamanus*, fêmeas. A. *Bolostromus panamanus* (CAS), corpo, vista dorsal; B. *B. bonaldoi* sp. n. holótipo, corpo, vista dorsal; C-D. *B. pulchripes* lectótipo, vista dorsal; C. Carapaça; D. Abdômen. Escalas. Figuras A-D = 1 mm.

3.6.2 Grupo *gaujoni*

Diagnose. Tíbia I da perna do macho com o diâmetro maior que no metatarso I (Figura 13 D). Tíbia do palpo do macho longa com forte dilatação no terço basal (Figura 13 A, C) e sem espinhos. Curvatura do êmbolo direcionada para a região dorsal (Figura 13 A-C).

Elenco: três espécies: *Bolostromus gaujoni*, *B. riveti* e *B. huanuco* sp. n. Todas ocorrem na região central da Cordilheira dos Andes entre 3000 a 4000 de altitude.

3.6.2.1 *Bolostromus gaujoni* (Simon)

(Figuras 13 A-E, 16 A-B, 23)

Phaenothele gaujoni SIMON 1889b: 389 (holótipo macho de Amazula, Loja, Equador, depositado no MNHN AR 4248, ex coleção Simon 9772, examinado).

Bolostromus gaujoni: SIMON 1903a: 894; PETRUNKEVITCH 1911: 51; PETRUNKEVITCH 1939: 195; ROEWER 1942: 164; BONNET 1955: 895; PLATNICK 2007.

Diagnose. *Bolostromus gaujoni* difere das demais espécies pela presença de um tubérculo baso-ventral retrolateral no metatarso I, com dois megaespinhos distais retrolaterais, sem base elevada na tíbia I (Figura 13 D-E) e pela coloração do dorso abdômen marrom com duas faixas paramedianas amarelo-escuro e uma mancha da mesma cor na região anterior (Figura 16 B).

Redescrição. Macho (holótipo). Coloração: carapaça marrom-escuro-alaranjada (Figura 16 A). Ventre do abdômen amarelo-escuro; pernas amarelas com a região das patelas III-IV

marrom. Comprimento total 8,30. Carapaça: comprimento 4,10, largura 3,75, com a fóvea intermediária. Clípeo estreito 0,13. Cômoro ocular: comprimento 0,50, largura 0,97. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,19, OLA 0,25, OMP 0,16, OLP 0,19. Segmento basal da quelícera com sete dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por 9-10 espinhos fortes em uma fila. Enditos com 10-11 cúspides. Lábio: comprimento 0,22, largura 0,24. Esterno: comprimento 2,45, largura 1,70, com seis sigilas, duas anteriores marginais e as quatro posteriores submarginais, 1/3 maiores que as anteriores. Medidas: palpo: fêmur 2,30/ patela 1,20/ tibia 1,90/ címbio 0,95/ total 6,35; pernas: I: fêmur 4,45/ patela 2,40/ tibia 3,30/ metatarso 3,30/ tarso ausente/ total 13,45; II: 3,95/ 1,85/ 2,00/ 3,00/ 1,85/ 12,65; III: 2,95/ 0,90/ 1,70/ 2,65/ 1,70/ 9,90; IV: 3,95/ 1,85/ 3,80/ 3,75/ 2,00/ 15,35. Espinulação: palpo: címbio d0-0-10 curtos; pernas: I: fêmur d1-1-1, patela v0-0-1-1, tibia v4-4-0-3-1r-(2r megaespinho)-1p ap (Figura 13 D-E), metatarso v0-0-1-0-0-3 ap; II: fêmur d0-1-0-1-1-1-0, patela v0-1-1, tibia d0-0-1p-0, v2-0-2-1r-0-3, p0-0-1-0, metatarso v0-3-0-0-3-0-0-1r-0-1r-3ap, tarso v0-0-1r-1r-1r; III: fêmur d0-2-1-4-0-3-0-1r, patela d17, tibia d1-0-0-1r-1r, v2-0-2-0-3ap, metatarso d0-2-1r-0-1p-1r-2-0-0-3, v0-3-0-0-3-0-0-2-3ap, tarso d0-0-0-1p-0, v0-0-0-1p-1p-2-2-2-0; IV: fêmur d5-3-2-0-0-2-1-0-0-0-(13p ap, dispostos em duas filas), patela v0-0-0-1-1, tibia d2-0-2-0-2ap, metatarso d0-0-0-1r-0-0-1r, v0-2-0-0-2-2-0-0-2-4ap, tarso 0-0-2-2-2-2p-2-2. Metatarso I sem dilatação (13 Figura D-E). Escópula presente em 1/4 distal do metatarso I-II. Metatarso I com tubérculo baso-ventral (Figura 13 D-E). Dentes das unhas tarsais: I: tarso ausente; II: 5, 7/ 7, 6; III: 5, 6/ 6, 5; IV: 6, 7/ 5, 6. FLP: segmento basal 0,85, segmento médio 0,65, segmento apical 0,90. Tibia do palpo longa e dilatada no terço basal (Figura 13 A, C). Tégulo piriforme curto e êmbolo longo e curvado.

Fêmea. Desconhecida.

História Natural. Desconhecido.

Material adicional examinado. Nenhum.

Distribuição. Conhecida somente para a localidade-tipo (Figura 23).

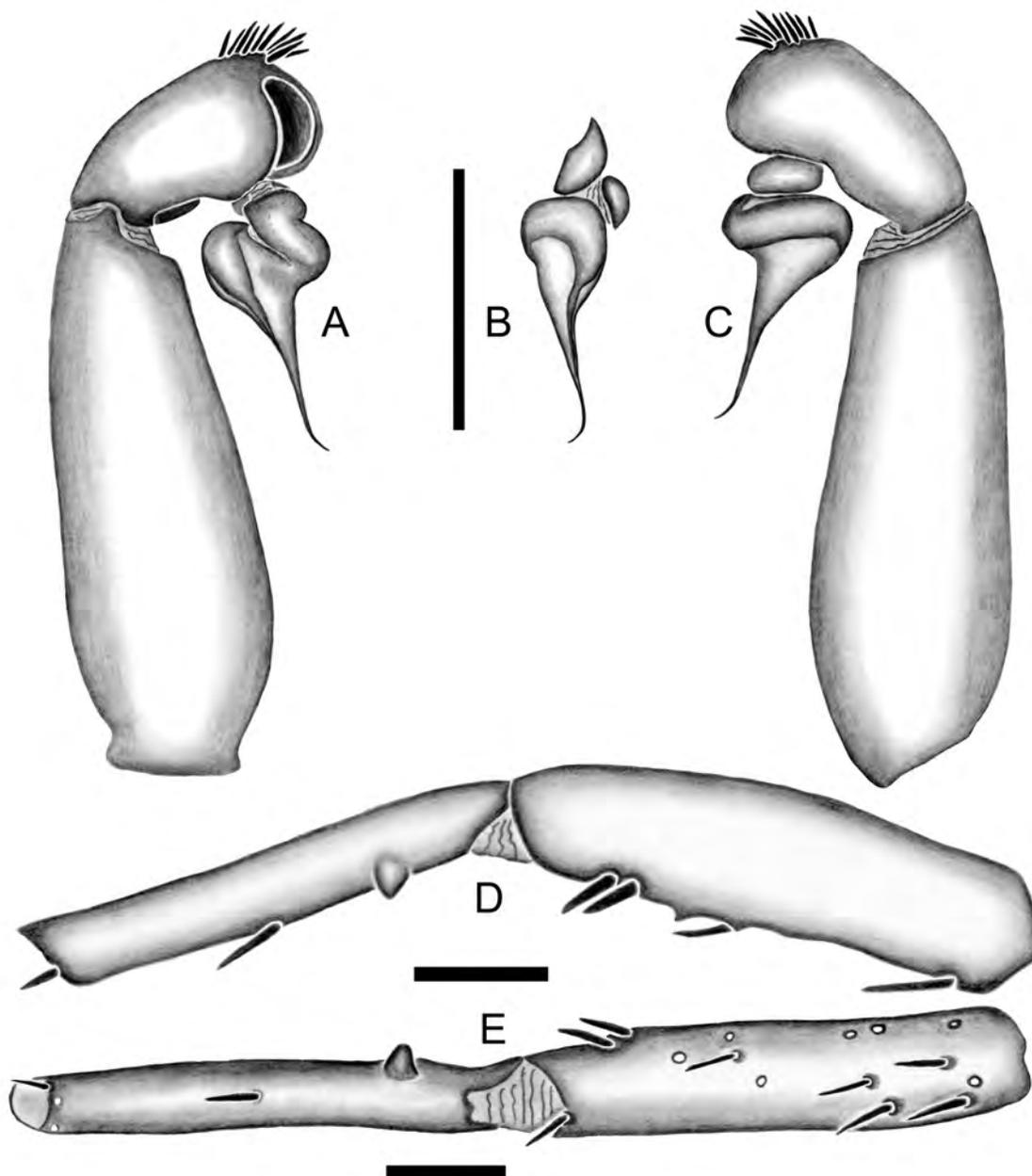


Figura 13. A-E. *Bolostromus gaujoni* (Simon), macho holótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo, vista ventral; C. Bulbo e palpo, vista retrolateral; D-E. Perna I esquerda, tibia e metatarso; D. Vista retrolateral; E. Vista ventral. Escalas. Figuras A-E = 1 mm.

3.6.2.2 *Bolostromus riveti* Simon

(Figuras 14 A-E, 16 C-D, 23)

Bolostromus riveti SIMON 1903b: 314 (holótipo macho de Riobamba, Equador, Dr. Riveti col., depositado no MNHN AR 4203, examinado). PETRUNKEVITCH 1911: 51; BERLAND 1913: 81, pr. 7, figuras 1-2; PETRUNKEVITCH 1939: 196; ROEWER 1942: 164; BONNET 1955: 895; PLATNICK 2007.

Diagnose. *Bolostromus riveti* difere das outras espécies do gênero, pela presença de dois megaespinhos distais retrolaterais com base elevada na tíbia I (Figura 14 D-E), por possuir mais de 30 espinhos bem curtos na região retro-ventral do metatarso I (Figura 14 D-E) e pelo dorso do abdômen preta com duas faixas paramedianas amarelo-escuras e uma mancha da mesma cor na região anterior (Figura 16 D).

Redescrição. Macho (holótipo). Coloração: carapaça marrom-escuro-alaranjada (Figura 16 C). Ventre do abdômen, amarelo-escuro; pernas marrom-amareladas. Comprimento total 8,05. Carapaça: comprimento 4,35, largura 4,05, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,07. Cômoro ocular: comprimento 0,50, largura 0,90. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,16, OLA 0,19, OMP 0,11, OLP 0,14. Segmento basal da quelícera com seis dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por 10 espinhos fortes e alongados. Enditos com 23 cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,60, largura 0,74. Esterno: comprimento 2,35, largura 1,90, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais com o dobro do tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 1,95/ patela 0,90/ tíbia 1,80/ címbio 0,90/ total 5,55; pernas: I: fêmur 4,20/ patela 2,15/ tíbia 3,50/ metatarso 3,35/ tarso 1,90/ total 15,10; II: 3,55/ 1,70/ 2,60/ 2,90/ 1,60/ 12,35; III: 2,95/ 1,35/ 1,65/ 2,70/ 1,65/ 10,35; IV: 3,50/ 1,80/ 3,75/ 3,65/ 1,85/ 14,55. Espinulação: palpo: címbio d0-0-10 curtos; pernas: I: fêmur d0-1-1-1-1p-0-2p-1p-2p, tíbia d0-2p-0-0-0, v0-3-1p-1p-0-0-2-1p-0-0-(2r megaespinhos, com base elevada na tíbia I, Figura 14 D-E), metatarso v0-35 bem curtos-0-1-0-1r ap; II: fêmur d1-1-1p-1-2p-2p, tíbia d0-0-1r-0, v0-1-1p-1p-1r-0-3ap, metatarso v1r-2-1r-1r-1r-3ap, tarso v0-0-1r-0-1r-0; III: fêmur d0-1-1-1-2-2p-1r, patela d14, tíbia d0-1-0-1p-0-1ap, v0-2-1p-1p-2-0-0-3ap, r1ap, metatarso d1r-1r-2-2-1r-2ap, v0-0-3-0-0-2-0-1r-3ap, tarso d0-0-0-1r-0, v0-0-0-1p-2-2-2-2; IV: fêmur d0-1-0-1p-1p-1p-1p-(12p ap, dispostos em duas filas), tíbia d1r-0-1r-0-0-1r-0-0, metatarso d0-1r-0-0-1r-0-0, v0-2-0-1p-1p-1p-1p-4ap, tarso v0-0-0-1p-1p-1p-1p-2. Metatarso I sem dilatação (Figura 14 D-E). Escópula presente em 1/3 distal dos metatarsos I-II. Dentes das unhas tarsais: I: 6, 8/ 9, 5; II: 5, 8/ 9, 5; III: 3, 7/ 6, 5; IV: 5, 5/ 7, 5. FLP: segmento basal 0,70, segmento médio 0,35, segmento apical 0,47. Tégulo piriforme curto e êmbolo longo e reto na posição retro e prolateral (Figura 14 A, C).

Fêmea. Desconhecida.

História Natural. Desconhecida.

Material adicional examinado. Nenhum.

Distribuição. Conhecida somente para a localidade-tipo (Figura 23).

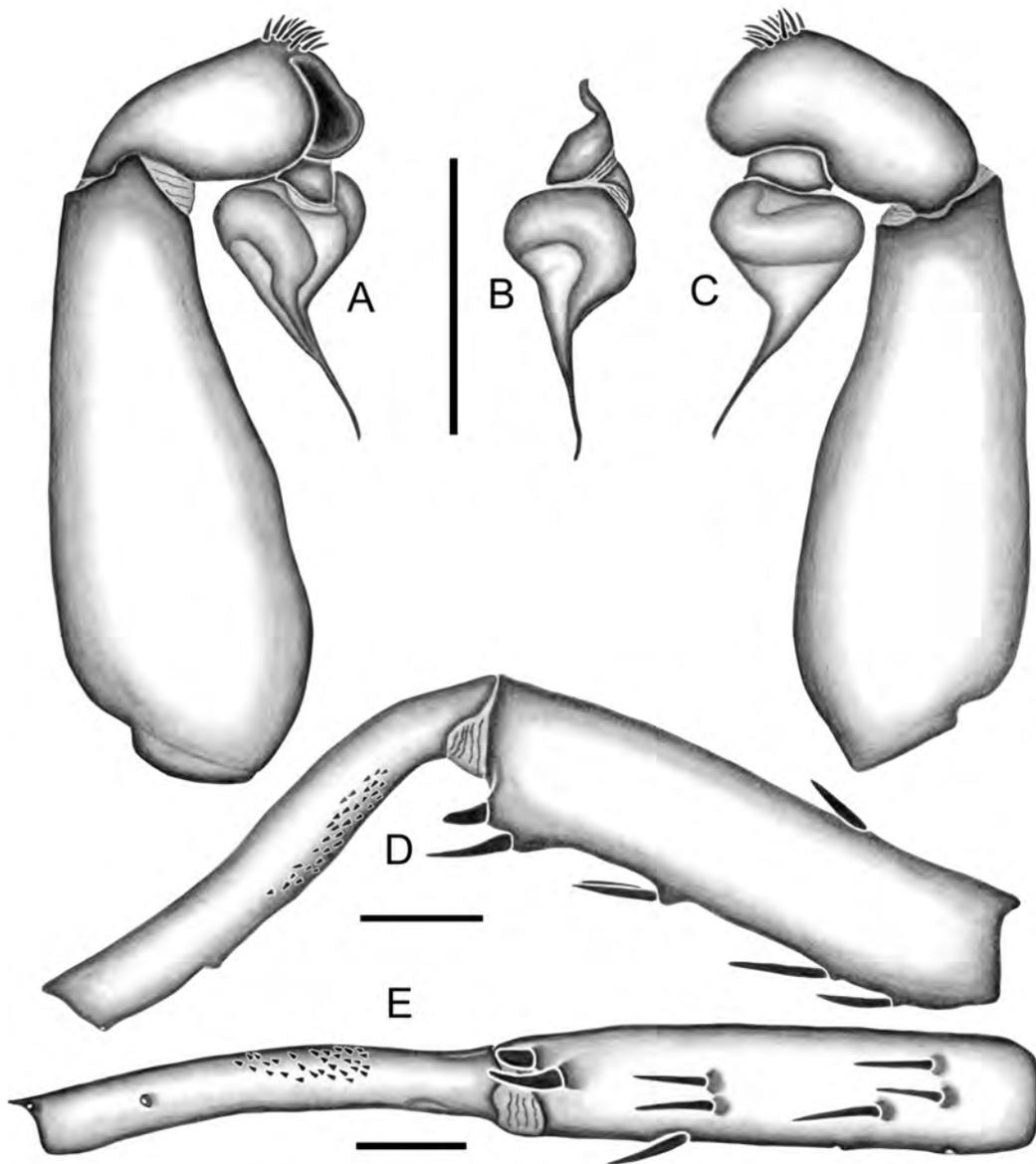


Figura 14. A-E. *Bolostromus riveti* Simon, macho holótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo, vista ventral; C. Bulbo e palpo, vista retrolateral; D-E. Perna I esquerda, tibia e metatarso; D. Vista retrolateral; E. Vista ventral. Escalas. Figuras A-E = 1 mm.

3.6.2.3 *Bolostromus huanuco* sp. n.

(Figuras 15 A-D, 16 E-F, 23)

Tipos. Holótipo macho do Rio Yuyapichis, Estación Biológica de Panguana, Panguana, Huanuco, Peru, 26.XI-24.XII.1983, M. Verhaagh col., depositado no IBSP 13244. Parátipos: mesmo local e coletor do holótipo, 1 macho, 21.I-18.II.1984 (IBSP 13246); 1 macho (SMNK 3540), 1 macho, 26.XI-04.XII.1983 (SMNK 3541), 1 macho, 24.XII-21.I.1984 (MPEG).

Etimologia. O nome específico refere-se ao Departamento de Huanuco, no Peru, onde está localizada a localidade-tipo da espécie.

Diagnose. *Bolostromus huanuco* sp. n. difere das outras espécies do gênero pela tibia da perna I com uma apófise retrolateral distal fortemente projetada ventralmente, com um megaespinho no ápice (Figura 15 C-D) e pelo tégulo com êmbolo bem longo e levemente curvado (Figura 15 A-B).

Descrição. Macho (holótipo). Coloração: carapaça marrom-avermelhada. Dorso do abdômen preto com listras amarelas, com uma mancha amarela oval anterior (Figura 16 E-F); pernas marrons lisas e brilhantes. Comprimento total 8,08. Carapaça: comprimento 4,24, largura 3,84, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,10. Cômoro ocular: comprimento 0,56, largura 0,92. Fila anterior dos olhos procurva e posterior recurva. OMA 0,23, OLA 0,26, OMP 0,15, OLP 0,16. Segmento basal da quelícera com 6-7 dentes promarginais. Rastelo formado por nove espinhos fortes em uma fila. Enditos com 16 cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,50, largura 0,65. Esterno: comprimento 2,1, largura 1,75, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais, 1/3 maiores que as anteriores. Medidas: palpo: fêmur 1,72/ patela 1,00 / tibia 1,32/ címbio 0,72/ total 4,76; pernas: I: fêmur 3,16/ patela 1,85/ tibia 2,20/ metatarso 2,10/ tarso 1,32/ total 10,63; II: 2,50/ 1,47/ 1,70/ 1,77/ 1,10/ 8,54; III: 1,98/ 1,05/ 1,00/ 1,25/ 1,00/ 6,28; IV: 2,76/ 1,50/ 2,37/ 2,21/ 1,10/ 9,94. Espinulação: palpo: címbio d0-0-5 de comprimento médio; pernas: I: tibia v0-0-0-1r-0 megaespinho (Figura 15 C-D), metatarso v1ap; II: tibia v0-0-1-0-1ap, metatarso v1r-1r-0-3ap; III: patela d14, tibia d1-0-0-0-1, v3ap, p0-0-1-1, r0-0-1-1, metatarso d1r-1r-2-1p-2-2-1p, v2-0-1p-1r-2ap, tarso v0-0-1p-2-0; IV: fêmur d1-1-0-0-(14p ap, dispostos em duas filas), tibia v0-2-0-2ap, metatarso d0-0-0-0-1r, v2-0-2-1p-3ap, tarso 0-1p-1p-1p-0. Tibia da perna I com uma apófise retrolateral distal fortemente projetada ventralmente (Figura 15 C-D). Metatarso I com leve dilatação mediana (Figura 15 C-D). Escópula presente nos 4/5 distais do metatarso I, 9/10 distais no II. Dentes das unhas tarsais: I: 5, 8/ 8, 4; II: 3, 8/ 7, 4; III: 3, 5/ 5, 3; IV: 4, 4/ 4, 2. FLP: segmento basal 0,72, segmento médio 0,49, segmento apical 0,62. Tibia do palpo longa e dilatada no terço basal. Tégulo piriforme com êmbolo bem longo e levemente curvado (Figura 15 A-B).

Fêmea. Desconhecida.

Varição. Machos (n = 9). Comprimento total 5,35-8,10. Comprimento da carapaça 2,70-4,24. Cúspides nos enditos 13-17. Espinhos no rastelo 9-12. Espinhos no címbio 5-11. Espinhos apicais no fêmur IV 12-17 em uma fila.

História Natural. Desconhecida.

Material adicional examinado. PERU: **Huanuco** (Rio Yuyapichis, Estación Biológica de Panguana), 1 macho, 21.I-18.II.1984, M. Verhaagh col. (IBSP 13245); 1 macho (SMNK 3539); 1 macho, 24.XII-21.I.1984 (IBSP 13247); 1 macho (SMNK).

Distribuição. Conhecida somente para a localidade-tipo (Figura 23).

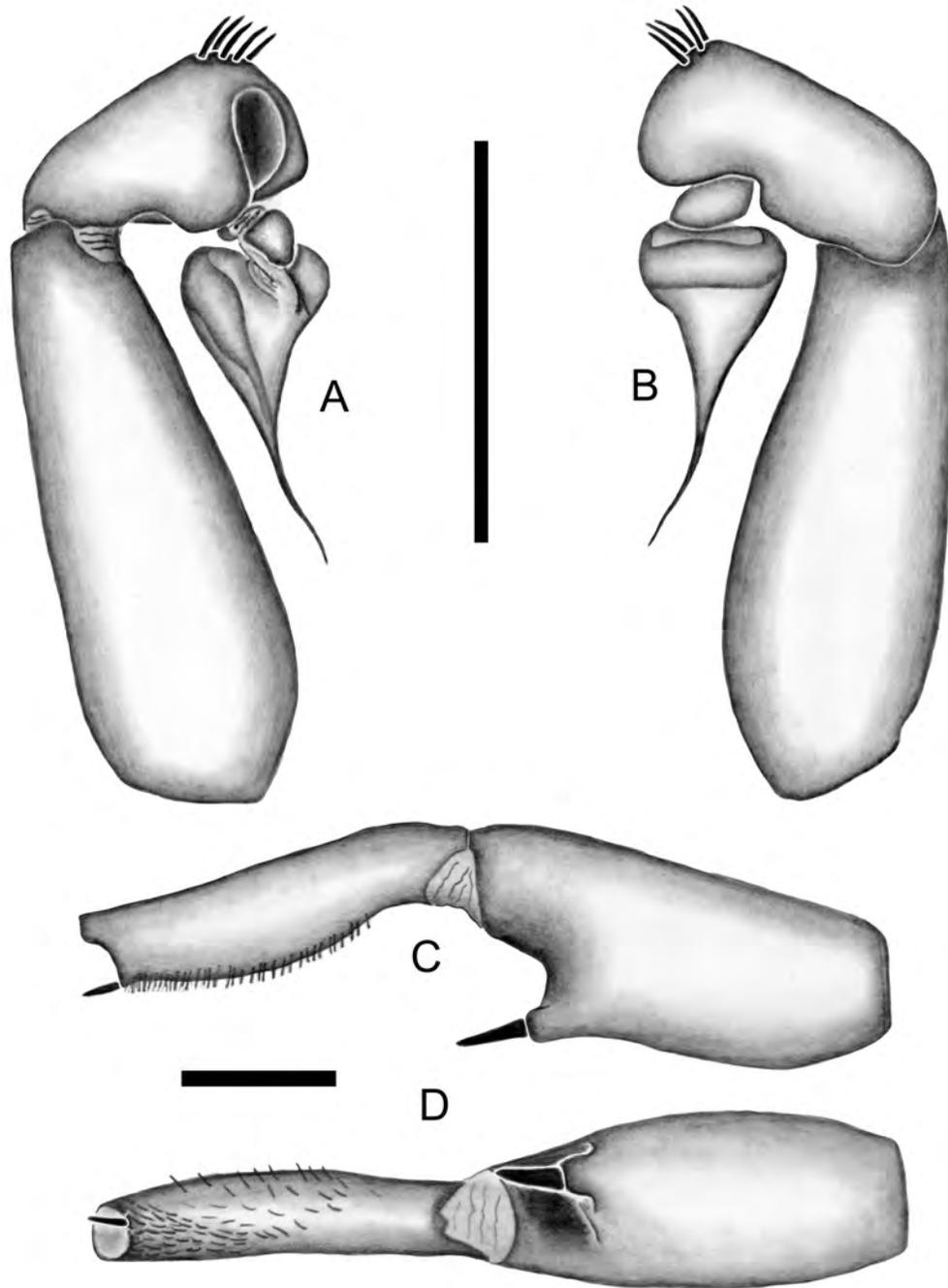


Figura 15. A-D. *Bolostromus huanuco* sp. n., macho holótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo e palpo, vista retrolateral; C-D. Perna I esquerda, tibia e metatarso; C. Vista retrolateral; D. Vista ventral. Escalas. Figuras A-D = 1 mm.

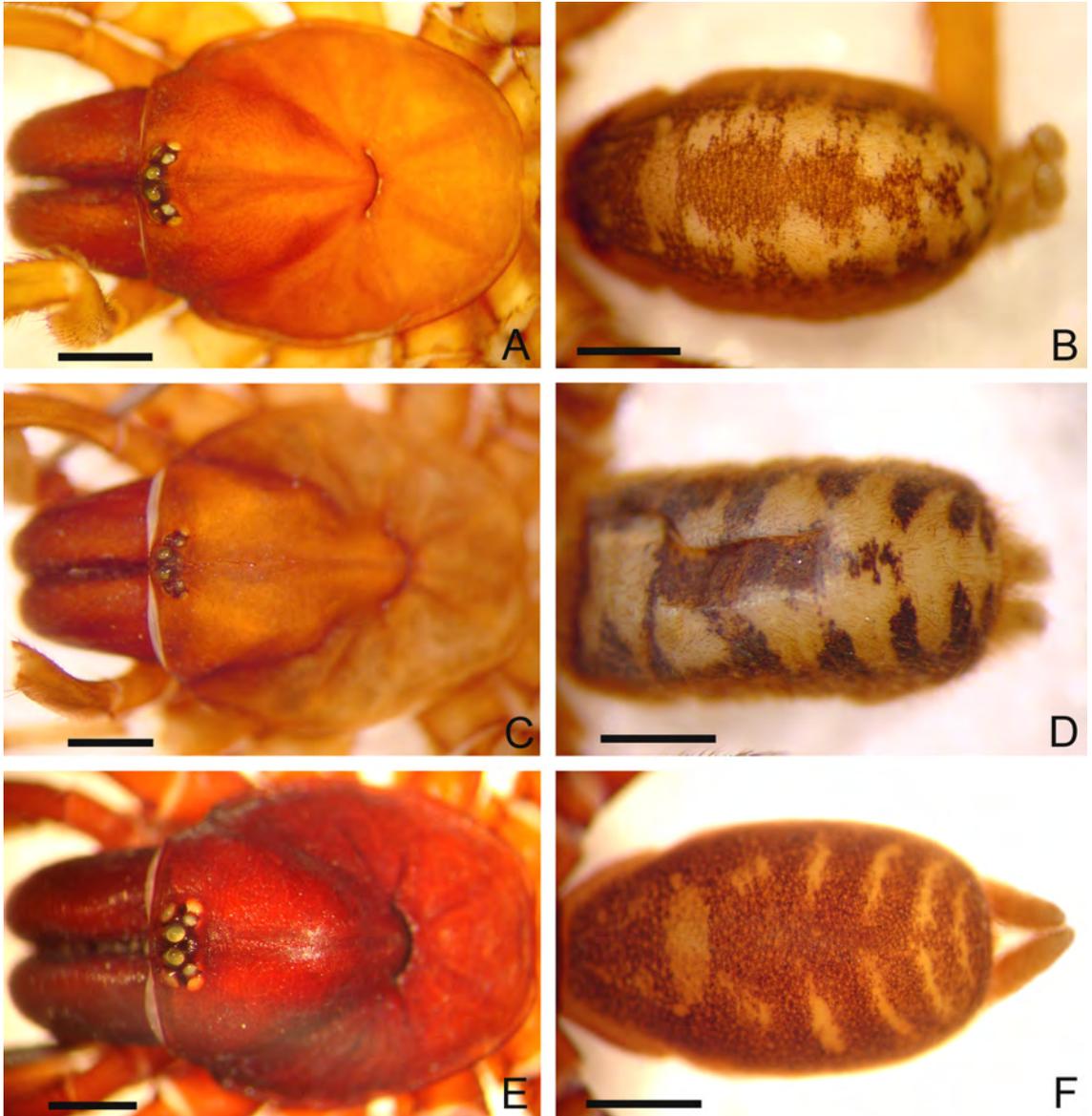


Figura 16. A-F. Grupo *gaujoni*, machos (holótipos). A, C e E. Carapaça, vista dorsal; B, D e F. Abdômen, vista dorsal. A-B. *Bolostromus gaujoni*; C-D. *B. riveti*; E-F. *B. huanuco* sp. n. Escalas. Figuras A-F = 1 mm.

3.6.3 Grupo *summorum*

Diagnose. Aranhas de porte médio (17,00-20,35 mm). Rastelo formado por 13-19 espinhos fortes e cerca de 30 fracos. Fêmur IV com três filas de espinhos apicais dorso-prolaterais (16-23), semelhantes a um rastelo (Figura 1 D). Espermatecas longas (Figuras 17-18).

Elenco: duas espécies: *B. summorum* e *B. colombianus*, ambas ocorrem na Cordilheira dos Andes entre 3000 a 4000 de altitude.

3.6.3.1 *Bolostromus summorum* (Schiapelli & Gerschman de Pikelin) comb. n. (Figuras 17, 19 A-B, 23)

Bolostromoides summorum SCHIAPELLI & GERSCHMAN DE PIKELIN 1945: 169, pr. 2, figuras 1-2 (holótipo fêmea de Páramo de Santo Domingo, Estado de Mérida, Venezuela, VI.1936, J. Vellard col., depositado no MACN 859, examinado). BRIGNOLI 1983: 112; RAVEN 1985: 133, figuras 219-224; PLATNICK 2007.

Diagnose. *Bolostromus summorum* assemelha-se a *B. colombianus* sp. n. pelo comprimento do corpo (17 mm), e por ter três filas de espinhos distais prolaterais no fêmur IV; difere pelos ramos das espermatecas ocuparem 3/4 do comprimento dela (Figura 17); pelo diâmetro dos olhos médios anteriores menor que dos laterais anteriores; pela fila anterior de olhos procurva e pela borda do clipeo larga (0,45) (Figura 19 A). Difere das demais espécies do gênero pelo comprimento do corpo duas a cinco vezes maior.

Redescrição. Fêmea (holótipo). Coloração: carapaça e pernas marrom-escura-avermelhada. Dorso e ventre do abdômen marrom-escuro, com uma faixa marrom-escuro na região anterior dorsal (Figura 19 A-B). Comprimento total 17,30. Carapaça: comprimento 8,50, largura 7,60, com a fôvea larga. Cômoro ocular: comprimento 1,10, largura 2,40. Fila anterior e posterior dos olhos levemente procurvas. OMA 0,25, OLA 0,37, OMP 0,18, OLP 0,29. Segmento basal da quelícera com 7-8 dentes promarginais. Rastelo formado por 20-24 espinhos fortes e cerca de 30 fracos. Enditos com 33-35 cúspides. Lábio: comprimento 1,65, largura 1,70. Esterno: comprimento 4,60, largura 4,10, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais, três vezes maiores que o tamanho da anterior. Medidas: palpo: ausente; pernas: I: fêmur 7,40/ patela 4,50/ tibia 5,30/ metatarso 5,60/ tarso 3,20/ total 26,00; II: 6,50/ 4,20/ 4,70/ 5,00/ tarso ausente; III: 4,70/ 3,10/ 2,50/ metatarso e tarso ausente; IV: 6,70/ 3,70/ tibia ausente/ 5,10/ 2,30. Espinulação: palpo: ausente; pernas: I: tibia v1r ap, metatarso v0-1r-0-0-1r-0-0; II: tibia v1r-1r-1r-0-1r ap, metatarso v1p-1r-0-0-2-0-0-3ap, tarso ausente; III: patela d12, tibia d1-0-1-0, v2ap, p1-1-1-0-1, metatarso e tarso ausentes; IV: fêmur d17p ap, dispostos em três filas, tibia ausente, metatarso v1p-1p-1r-1p-2p-1r-44 região anterior, p0-1-0-0-1-18 região anterior, tarso p34, r42. Escópula presente nos metatarsos I-II em todo segmento. Dentes das unhas tarsais: I: 5, 7/ 7, 3; II e III: tarso ausente; IV: 0, 0/ 2, 2. Terceira unha com um dente central no tarso IV. FLP: segmento basal 1,22, segmento médio 0,67, segmento apical 1,37. Genitália da fêmea com espermateca bem esclerotizada, com base larga e ramo externo mais longo que o interno (Figura 17).

Macho. Desconhecido.

História natural. Ocorre entre 3500 e 4000 metros de altitude em Páramo de Santo Domingo, Estado de Mérida, Venezuela. Constrói uma toca arredondada e forrada por seda misturada a terra, em terrenos mais ou menos planos. A abertura da toca mede 2 a 3 cm de diâmetro e não é fechada por um opérculo, mas protegido por alguns fios de seda. A profundidade do tubo é de 20 a 30 cm, sem ramificações laterais. A aranha vive na parte superior e quando ameaçada se refugia na parte inferior. Os restos de presas são deixados no

fundo do refúgio. Existem numerosas tocas próximas uma das outras. É uma espécie bastante agressiva fora de sua toca (VELLARD 1945).

Material adicional examinado. VENEZUELA: **Mérida:** (Páramo de Santo Domingo), 1 fêmea, VI.1936, J. Vellard col. (MACN).

Variação. Fêmeas (n = 2). Comprimento total 17,00-17,30. Comprimento da carapaça 8,30-8,50. Cúspides nos enditos 30-35. Espinhos no rastelo 20-27. Espinhos apicais dorso-prolaterais no fêmur IV 17-23 em três filas. Dente central da terceira unha, ausente no tarso IV da segunda fêmea.

Nota. Dados retirados da fêmea não tipo para complementar a descrição da espécie: palpo: fêmur 5,10/ patela 2,10/ tibia 3,10/ tarso 3,10/ total 13,40. Espinulação: palpo: tibia v2ap, tarso v2-1r-0-0-0-0. Unha do tarso do pedipalpo sem dentes.

Distribuição. Conhecida somente para a localidade-tipo (Figura 23).

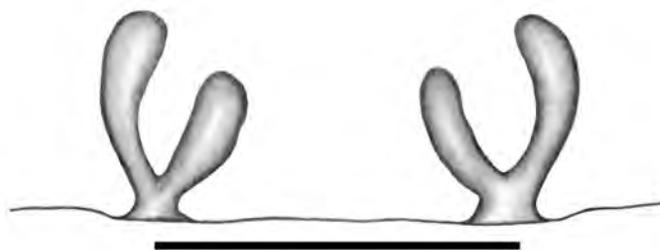


Figura 17. *Bolostromus summorum* (Schiapelli & Gerschman). Fêmea holótipo, espermateca, vista dorsal. Escala. 0,5 mm.

3.6.3.2 *Bolostromus colombianus* sp. n. (Figuras 18, 19 C-D, 23)

Tipos. Holótipo fêmea de Chachagui, Nariño, Colômbia, 11.II.1973, Leist col., depositado no IBSP 13242. Parátipos: 2 fêmeas, mesmos dados do holótipo (IBSP 13243; SMNK 3519); 1 fêmea, 27 milhas ao sul de Pasto, Nariño, Colômbia, 28.II.1955 (CAS).

Etimologia. O nome específico é em referência ao país onde a espécie foi coletada.

Diagnose. *Bolostromus colombianus* sp. n. assemelha-se a *B. summorum* pelo comprimento do corpo (17-20 mm), e por ter três filas de espinhos distais prolaterais no fêmur IV; difere desta pelos ramos das espermatecas ocuparem cerca de 1/3 do comprimento dela (Figura 18); pelo diâmetro dos olhos médios anteriores maior que dos laterais anteriores; pela fila anterior dos olhos recurva e pela borda do clípeo estreita (0,23) (Figura 19 C). Difere das demais espécies do gênero pelo comprimento do corpo duas a seis vezes maior.

Descrição. Fêmea (holótipo). Coloração: carapaça: região cefálica marrom-avermelhada e tórax marrom-amarelado-claro. Dorso do abdômen marrom com uma mancha marrom-clara na região anterior (Figura 19 C-D), ventre amarelo-escuro; pernas I-IV marrom-amareladas, pedipalpos e pernas I-II com manchas prolaterais e retrolaterais marrom-escuras e nas III-IV marrom-claras. Comprimento total 20,35. Carapaça: comprimento 7,60, largura 6,10, com a fôvea estreita. Cômoro ocular: comprimento 0,90, largura 1,78. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,41, OLA 0,34, OMP 0,18, OLP 0,26. Segmento basal da quelícera com nove dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por 14 espinhos fortes e cerca de 30 fracos. Enditos com 22 cúspides cada um. Lábio: comprimento 1,78, largura 1,62. Esterno: comprimento 4,60, largura 3,35, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e as duas posteriores submarginais, três vezes maiores que as anteriores. Medidas: palpo: fêmur 4,00/

patela 2,20/ tibia 2,57/ tarso 2,15/ total 10,92; pernas: I: fêmur 5,50/ patela 3,40/ tibia 4,30/ metatarso 3,95/ tarso 2,25/ total 19,40; II: 5,00/ 3,00/ 3,60/ 3,57/ 2,00/ 17,17; III: 4,35/ 3,10/ 2,05/ 2,80/ 1,65/ 13,95; IV: 5,75/ 3,20/ 4,85/ 4,15/ 1,75/ 19,70. Espinulação: palpo: patela p1-0-1, tibia 1p-1p-0-4ap, tarso v2-1r-1p-1r-0; pernas: I: tibia v1-0-1-0-1-1ap, metatarso v1r-1r-3ap; II: tibia v1-1-1-1ap, metatarso v0-1r-1r-1p-1-0-3ap; III: patela d19, tibia d1p-1-2-4-2, v1p-0-1r-3ap, p1ap, metatarso d2r-2-2-3-2-2-0-2, v0-1r-2-0-2-0-4ap, tarso v0-2-2-2p-2r-3-4-2; IV: fêmur d23p ap, dispostos em três filas, metatarso d0-0-1r-1r-1r-1r, v0-2-1p-1p-2-0-2p-3ap, tarso 1p-2-2-4-3. Escópula presente nos metatarsos I-II até a metade distal do segmento. Unha do tarso do pedipalpo com oito dentes em uma fila prolateral. Dentes das unhas tarsais: I: 8, 9/ 10, 6; II: 6, 4/6, 6; III: 3, 5/ 6, 4; IV: 3, 4/ 7, 4. FLP: segmento basal 1,30, segmento médio 1,20, segmento apical 1,60. Genitália da fêmea com espermateca bem esclerotizada, com base larga e ramo interno com o comprimento semelhante ao do externo (Figura 18).

Macho. Desconhecido.

Varição. Fêmeas (n = 4). Comprimento total 17,20-20,35. Comprimento da carapaça 7,60-9,00. Cúspides nos enditos 17-22. Espinhos no rastelo 13-17. Espinhos apicais no fêmur IV 15-23 em três filas.

História natural. Desconhecida.

Material adicional examinado. COLÔMBIA: **Nariño**, (quatro milhas ao sul de La Union), 1 fêmea, 4.III.1955, Schilinger & G. Ross col. (CAS).

Distribuição. Colômbia: Departamento de Nariño (Figura 23).

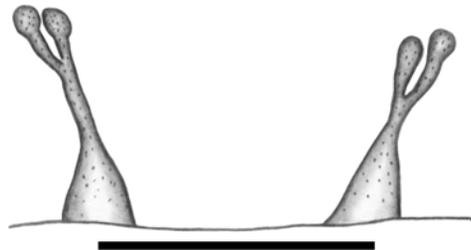


Figura 18. *Bolostromus colombianus* sp. n. Fêmea holótipo, espermateca, vista dorsal. Escala. 0,5 mm.

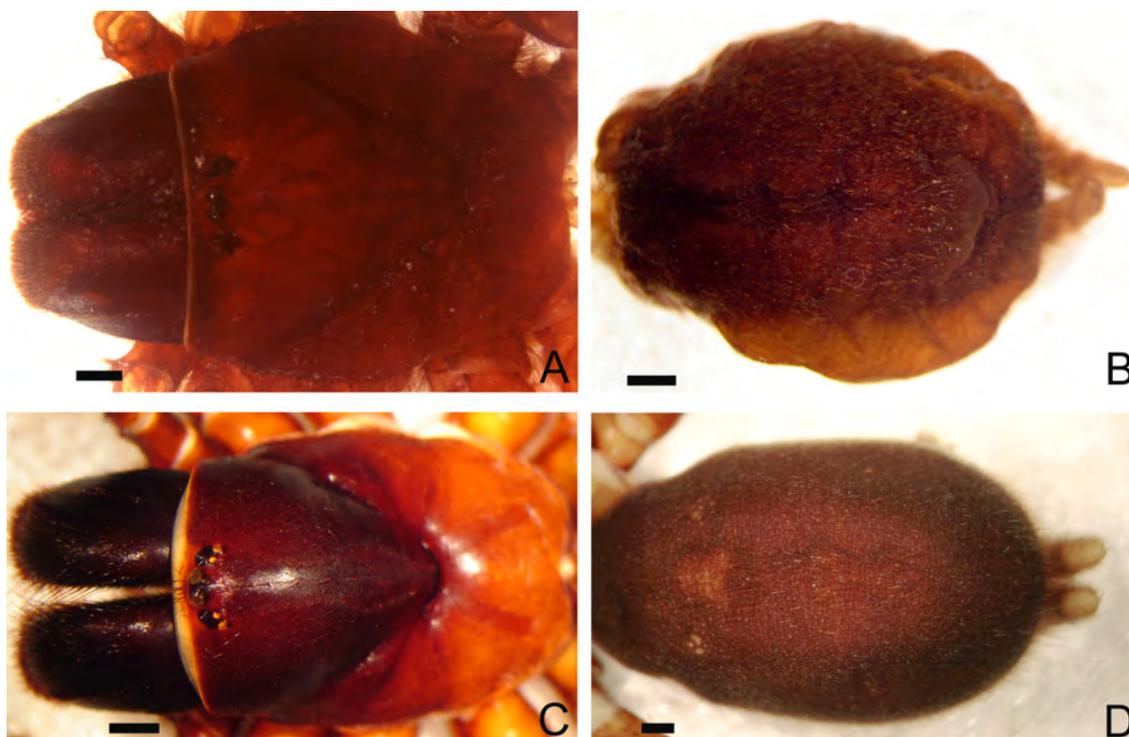


Figura 19. A-D. Grupo *summorum*, fêmeas (holótipos). A e C. Carapaça, vista dorsal; B e D. Abdômen, vista dorsal. A-B. *Bolostromus summorum*; C-D. *B. colombianus* sp. n. Escalas. Figuras A-D = 1 mm.

3.6.4 Grupo *venustus*

Diagnose: Este grupo é caracterizado pela presença de espinhos na tíbia do palpo do macho e pelos espinhos ventrais da tíbia da perna I apresentarem diâmetros semelhantes (Figuras 20 D-E, 21 D-E).

Elenco: com duas espécies: *B. venustus* e *B. fauna*. Ocorrem no norte da Cordilheira dos Andes.

3.6.4.1 *Bolostromus venustus* Ausserer

(Figuras 20 A-E, 22 A-D, 23)

Bolostromus venustus AUSSERER 1875: 150, pl. 5, figuras 10-12 (holótipo fêmea de Santa Fé de Bogotá, Meta, Colômbia, depositado no BMNH 330, examinado por fotos e pelo desenho das espermatecas feito por J.P.L. Guadanucci e C.A. Rheims). SIMON 1892: 100, figura 101 (Desc. do macho); PETRUNKEVITCH 1911: 52; PETRUNKEVITCH 1939: 196; ROEWER 1942: 164; BONNET 1955: 895; PLATNICK 2007.

Diagnose. *Bolostromus venustus* difere das demais espécies pelo palpo do macho apresentar a tíbia curta e dilatada no terço basal, com espinhos agrupados (Figura 20 A-B), e pelas espermatecas com base larga, ramo externo mais elevado que o interno e pela curvatura voltada para a região interna (Figura 20 C).

Redescrição. Macho (AMNH). Coloração: carapaça, dorso e ventre do abdômen marrom-escuros (Figura 22 A-B); pernas marrom-claras. Comprimento total 2,54. Carapaça: comprimento 1,34, largura 1,06, com a fôvea estreita. Clípeo estreito 0,04. Cômoro ocular:

comprimento 0,20, largura 0,38. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,11, OLA 0,10, OMP 0,06, OLP 0,10. Segmento basal da quelícera com cinco dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por quatro espinhos fortes em uma fila. Enditos com três cúspides cada um. Lábio: comprimento 0,22, largura 0,26. Esterno oval: comprimento 0,80, largura 0,64, com seis sigilas marginais do mesmo tamanho. Medidas: palpo: fêmur 0,62/ patela 0,34/ tibia 0,44/ címbio 0,28/ total 1,68; pernas: I: fêmur 1,06/ patela 0,50/ tibia 0,75/ metatarso 0,70/ tarso 0,50/ total 3,51; II: 0,84/ 0,48/ 0,64/ 0,60/ 0,48/ 3,04; III: 0,62/ 0,36/ 0,31/ 0,48/ 0,44/ 2,21; IV: 0,92/ 0,48/ 0,90/ 0,70/ 0,44/ 3,44. Espinulação: palpo: tibia v0-0-0-0-1p-1p-1p-0-1p, címbio d0-0-4 longos; pernas: I: fêmur d1-0-0, tibia v0-1r-0-1r-1r-0-0, metatarso v0-0-0-1r-0-0-1r ap; II: fêmur d1-1-1-1, tibia d0-1-1, v1-0-1-0, metatarso d1-1-0-3ap; III: fêmur d1-0-0, patela d9, tibia d1-0-0, v1-0-3ap, p0-0-0-1, r0-0-0-1, metatarso d1r-2-0-3, v3ap; IV: fêmur d1-1-1(8p ap, dispostos em uma fila), tibia v1-0-1-0-2ap, metatarso v1p-1p-0-3ap, tarso 0-0-1p-0. Metatarso I sem dilatação (Figura 20 D-E). Escópula ausente nos metatarsos. Dentes das unhas tarsais: I: 4, 10/ 10, 5; II: 3, 6/ 6, 2; III: 2, 2/ 3, 2; IV: 2, 3/ 3, 2. FLP: segmento basal 0,22, segmento médio 0,18, segmento apical 0,19. Tibia do palpo curta e dilatada no terço basal (Figura 20 A-B). Tégulo piriforme com êmbolo do bulbo levemente curvado (Figura 20 A-B).

Redescrição. Fêmea (AMNH). Coloração: carapaça e abdômen marrom (Figura 22 C-D); pedipalpos e pernas marrons, pernas I-II com manchas marrom-escuras em todos segmentos e nas pernas III-IV apenas na região das patelas. Comprimento total 6,45. Carapaça: comprimento 2,80, largura 2,05, com a fôvea larga. Clípeo estreito 0,04. Cômoro ocular: comprimento 0,30, largura 0,60. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,16, OLA 0,16, OMP 0,10, OLP 0,11. Segmento basal da quelícera com nove dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por oito espinhos fortes em uma fila. Enditos com 10-11 cúspides. Lábio: comprimento 0,46, largura 0,44. Esterno: comprimento 1,55, largura 1,20, com seis sigilas marginais, as duas posteriores 1/3 maiores que o tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 1,15/ patela 0,80/ tibia 0,75/ tarso 0,80/ total 3,50; pernas: I: fêmur 1,75/ patela 1,10/ tibia 1,15/ metatarso 0,90/ tarso 0,67/ total 5,57; II: 1,35/ 0,85/ 1,05/ 0,85/ 0,60/ 4,70; III: 1,20/ 0,70/ 0,50/ 0,80/ 0,45/ 3,65; IV: 1,85/ 1,05/ 1,50/ 1,27/ 0,55/ 6,22. Espinulação: palpo: tibia v2-2-0-3ap, tarso v1p-2-1r; pernas I: fêmur d1-0-0-0-0, tibia v1r-1r-1r-1ap, metatarso v2-2-0-3ap, tarso v0-0-1r; II: fêmur d1-0-0-0, tibia v1p-1p-1p-1ap, metatarso v1-1-0-3ap, tarso v0-0-1r-1r-0; III: patela d10, tibia d1r-1r-0-1ap, v1ap, metatarso d1p-1p-1r-1r-1p-2, v2ap, tarso v0-0-1p; IV: fêmur d9p ap, dispostos em duas filas, metatarso v1p-1p-1p-2ap, tarso 0-1p-1p-1p-1p-0. Escópula presente nas laterais da metade distal do metatarso I. Unha do tarso do pedipalpo com sete dentes em uma fila prolatral. Dentes das unhas tarsais: I: 8, 15/ 14, 9; II: ausente/ 12, 8; III: 3, 5/ 5, 3; IV: 4, 5/ 4, 2. FLP: segmento basal 0,40, segmento médio 0,27, segmento apical 0,32. Genitália da fêmea com espermateca translúcida com base larga, sendo o ramo externo mais alongado que o interno, o qual apresenta curvatura para a região interna (Figura 20 C).

História Natural. Desconhecida.

Material adicional examinado. COLÔMBIA: **Meta:** (Lomalinda, Puerto Lleras, próximo a Bogotá), XII.1987, B. T. Carroll Coll., 1 macho (AMNH); Bogotá, (Páramo de Monserrate), 1 fêmea, 1968-1969, Sturm. col. (AMNH).

Distribuição. Colômbia: Departamento de Meta (Figura 23).

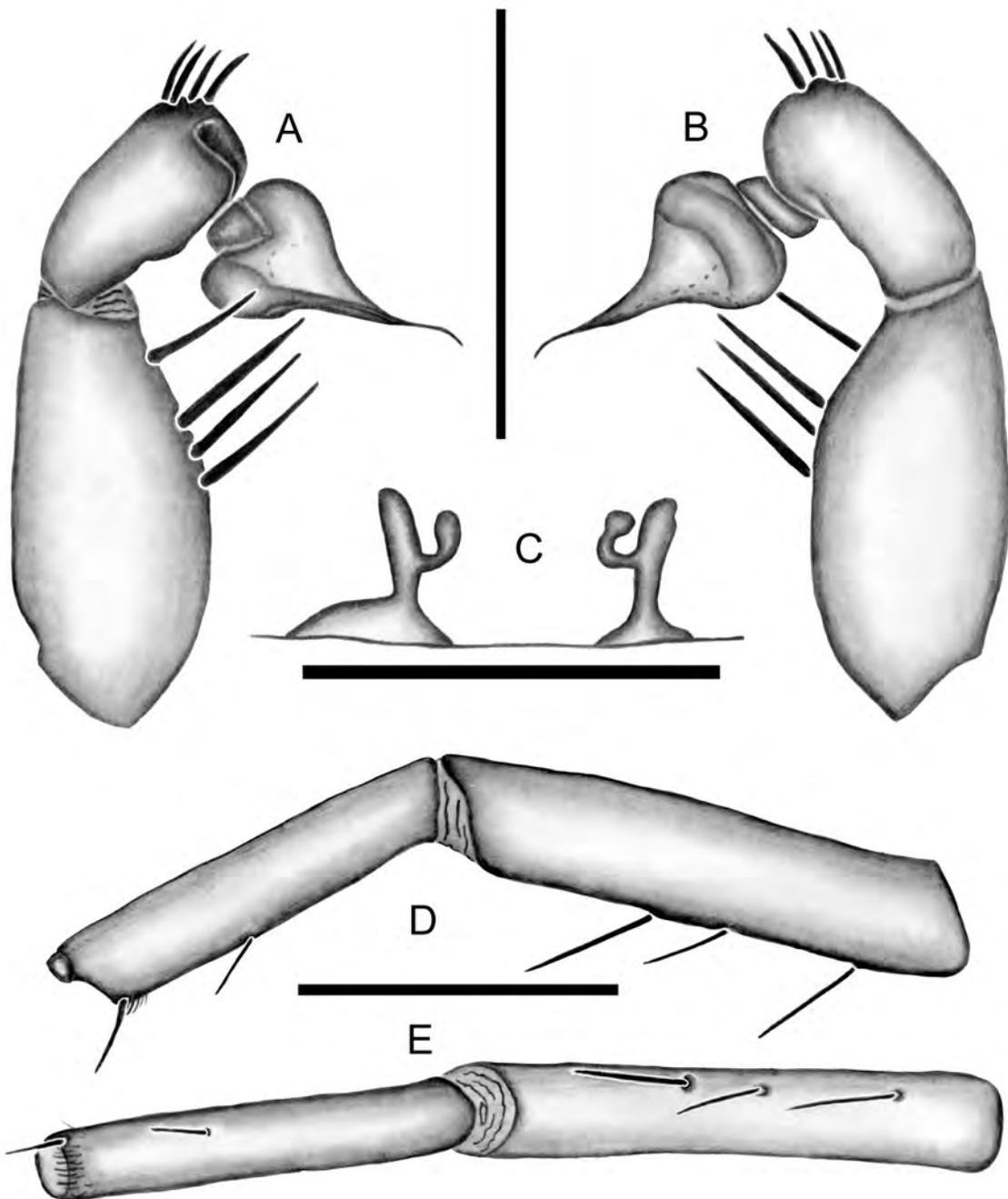


Figura 20. A-E. *Bolostromus venustus* Ausserer. A-B, D-E. Macho (AMNH). A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo e palpo, vista retrolateral; C. Fêmea (AMNH), espermateca, vista dorsal; D-E. Perna I esquerda, tíbia e metatarso; D. Vista retrolateral; E. Vista ventral. Escalas. Figuras A-E = 0,5 mm.

3.6.4.2 *Bolostromus fauna* (Simon)

(Figuras 21 A-F, 22 E-H, 23)

Phaeoclitia fauna SIMON 1889a: 184 (lectótipo macho e paralectótipos 4 fêmeas, aqui designados, local próximo a Caracas, Petare, Estado de Miranda, Venezuela, V.1888, E. Simon col., depositado no MNHN AR 4248, ex coleção Simon 9868, examinados). SIMON 1892: 100, figura 99; PETRUNKEVITCH 1911: 84; PETRUNKEVITCH 1926: 43, figuras 5-6; PETRUNKEVITCH 1939: 206; ROEWER 1942: 164; BONNET 1958: 3496.

Bolostromus fauna: RAVEN 1985: 136, figuras 229-239; PLATNICK 2007.

Diagnose. *Bolostromus fauna* difere das demais espécies do gênero pela tibia do palpo do macho longa e delgada com espinhos (Figura 21 A, C) e pelas espermatecas com ramos longos, sendo o interno mais longo que o externo (Figura 21 D). Pela coloração do abdômen marrom-claro com quatro pares de manchas amarelas na região posterior nos machos e fêmeas e uma marrom-clara na anterior (Figura 22 F, H).

Redescrição. Macho (lectótipo). Coloração: carapaça marrom-alaranjada (Figura 22 E). Ventre do abdômen e pernas amarelo-escuro. Comprimento total 10,50. Carapaça: comprimento 5,00, largura 4,30, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,70. Cômoro ocular: comprimento 0,55, largura 1,05. Fila anterior dos olhos fortemente e posterior levemente recurva. OMA 0,23, OLA 0,23, OMP 0,16, OLP 0,18. Segmento basal da quelícera com 8-9 dentes promarginais. Rastelo formado por oito espinhos fortes e 11 fracos em duas filas. Enditos com 17-18 cúspides. Lábio: comprimento 0,80, largura 0,75. Esterno: comprimento 2,55, largura 2,00, com seis sigilas, quatro anteriores marginais e duas posteriores submarginais, 1/3 maiores que o tamanho das anteriores. Medidas: palpo: fêmur 2,65/ patela 1,25/ tibia 2,05/ címbio 1,00/ total 6,95; pernas: I: fêmur 4,05/ patela 2,45/ tibia 3,60/ metatarso 3,40/ tarso 1,80/ total 15,30; II: 4,40/ 2,00/ 3,10/ 2,70/ 1,55/ 13,70; III: 2,60/ 1,60/ 1,70/ 2,40/ 1,45/ 9,75; IV: 4,05/ 2,00/ 3,50/ 3,17/ 1,65/ 14,37. Espinulação: palpo: tibia v0-1p-0-1p-0-1p-1p, címbio d0-0-6 longos; pernas: I: tibia d0-1p-0-0, v3-1-2-1r-1-1p-1-(1 alongado)-0; II: fêmur d1-1-1-1, tibia v1p-1-0-1-0-1-0-3ap, metatarso v1r-0-1r-1r-0-3ap, tarso v0-0-1r-1r; III: fêmur d0-1-1-1-0-0, patela d16, tibia d1r-1p-0, v1p-0-1r-0-3ap, p0-0-0-1, metatarso d1r-1r-1r-0-1r-3-0-3, v0-2-0-0-2-0-0-3ap, tarso v0-0-2-1p-0; IV: fêmur d0-1-1-1-0-0-(9p ap, dispostos em duas filas), tibia v2-0-0-2-0-0-2ap, metatarso d0-0-0-0-1r-3ap, v0-2-0-0-1p-0, tarso 0-0-2-1p-0. Metatarso I com dilatação distal (Figura 21 E-F). Escópula presente nos 3/5 distais dos metatarsos I-II (Figura 21 E-F). Dentes das unhas tarsais: I: 5, 7/ 7, 3; II: 3, 7/ 7, 4; III: 2, 4/ 7, 3; IV: 4, 6/ 6, 2. FLP: segmento basal 0,88, segmento médio 0,80, segmento apical 0,88. Tibia do palpo longa sem dilatação. Tégulo piriforme com êmbolo do bulbo levemente curvado (Figura 21 A-C).

Redescrição. Fêmea (paralectótipo). Coloração: carapaça e abdômen como no macho (Figura 22 G-H); pernas I-II e pedipalpos amarelos, com manchas marrom-escuras nas regiões retrolateral e prolateral e pernas III-IV com manchas marrom-claras. Comprimento total 11,80. Carapaça: comprimento 5,20, largura 4,44, com a fôvea intermediária. Clípeo estreito 0,16. Cômoro ocular: comprimento 0,60, largura 1,20. Fila anterior e posterior dos olhos recurva. OMA 0,20, OLA 0,25, OMP 0,19, OLP 0,17. Segmento basal da quelícera com seis dentes promarginais em cada lado. Rastelo formado por 20-22 espinhos fortes em duas filas. Enditos com 12-17 cúspides. Lábio: comprimento 0,95, largura 0,90. Esterno: comprimento 2,90, largura 2,20, com seis sigilas, quatro anteriores marginais, as duas posteriores submarginais, 2/5 maiores que as anteriores. Medidas: palpo: fêmur 2,90/ patela 1,60/ tibia 1,65/ tarso 1,65/ total 7,80; pernas: I: fêmur 3,65/ patela 1,90/ tibia 2,65/ metatarso 2,20/ tarso 1,40/ total 11,80; II: 3,60/ 2,25/ 2,22/ 2,05/ 1,30/ 11,42; III: 2,95/ 1,75/ 1,35/ 1,60/ 1,20/ 8,85;

IV: 4,00/ 2,25/ 3,30/ 2,60/ 1,30/ 13,45. Espinulação: palpo: tibia v0-2-0-0-2-0-0-4, tarso v2-1p-1r-1r-1r; pernas I: fêmur d1-1-1-1, patela v0-1p-1p, tibia v0-1-0-0-1-1-1, metatarso v0-1-0-1-0-3ap; II: fêmur 1-1-1-1, tibia v0-1-0-0-1-0-1ap, metatarso v0-2-0-2-1r-0-3ap, tarso v0-0-1r-1r-0-0; III: fêmur d1-0-0-0, patela d11, tibia d1r-1p-0, v2-0-1r-0-3ap, r0-0-1, metatarso d2r-2r-2-2-0-3ap, v0-2-2-0-1p-3ap, tarso v0-0-1p-0; IV: fêmur d1-1-1-1-0-(9p ap, dispostos em duas filas), tibia v1-0-2-0-0-2ap, metatarso v1p-1p-1p-3ap, tarso 0-0-1p-0. Escópula presente até a metade distal do metatarso I. Unha do tarso do pedipalpo com nove dentes em uma fila prolatral. Dentes das unhas tarsais: I: 11, 11/ 9, 10; II: 9, 9/ 6, 7; III: 4, 6/ 5, 3; IV: 2, 4/ 4, 2. FLP: segmento basal 0,95, segmento médio 0,70, segmento apical 0,75. Genitália da fêmea com espermatecas levemente esclerotizadas com base estreita e ramos longos, sendo o interno mais longo que o externo (Figura 21 D).

Variação. Fêmeas (n = 4). Comprimento total 9,65-13,06. Comprimento da carapaça 4,05-5,50. Cúspides nos enditos 12-25. Espinhos no rastelo 18-22. Espinhos apicais no fêmur IV 7-9 em uma fila.

História Natural. Espécie comum em regiões úmidas na região de Silla, próxima a Caracas, Venezuela. Constrói túneis na terra revestidos com seda, sem alçapão. A abertura é um pouco elevada da superfície da terra e camuflada por pequenos gravetos e partículas de terra unidas por fios de seda (SIMON 1889a).

Material adicional examinado. Nenhum.

Distribuição. Conhecida somente para a localidade-tipo (Figura 23).

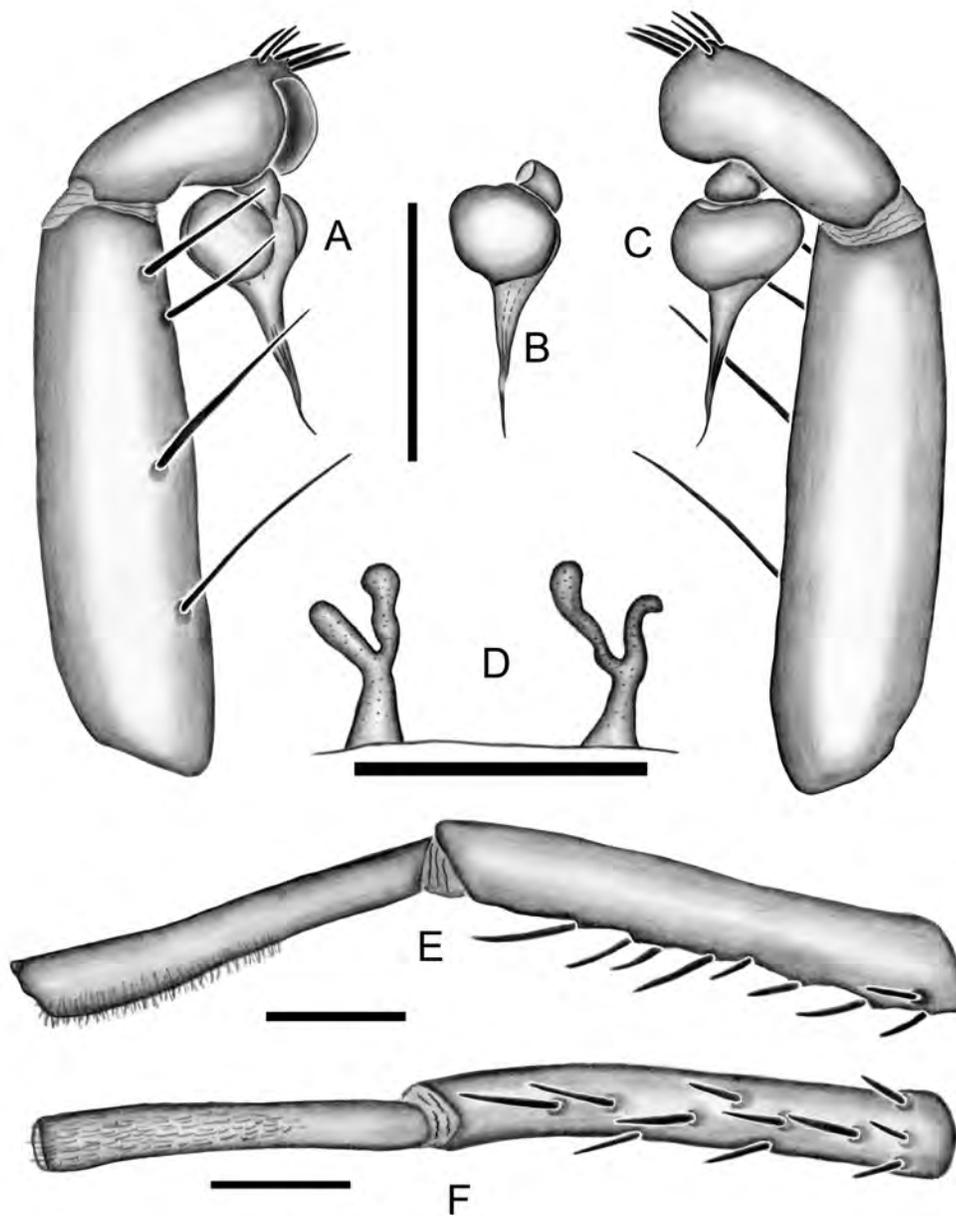


Figura 21. A-F. *Bolostromus fauna* (Simon). A-C, E-F. Macho lectótipo. A. Bulbo e palpo, vista prolateral; B. Bulbo, vista ventral; C. Bulbo e palpo, vista retrolateral; D. Fêmea paralectótipo, espermateca, vista dorsal; E-F. Perna I esquerda, tíbia e metatarso; E. Vista retrolateral; F. Vista ventral. Escalas. Figuras A-C, E-F = 1 mm e D = 0,5 mm.

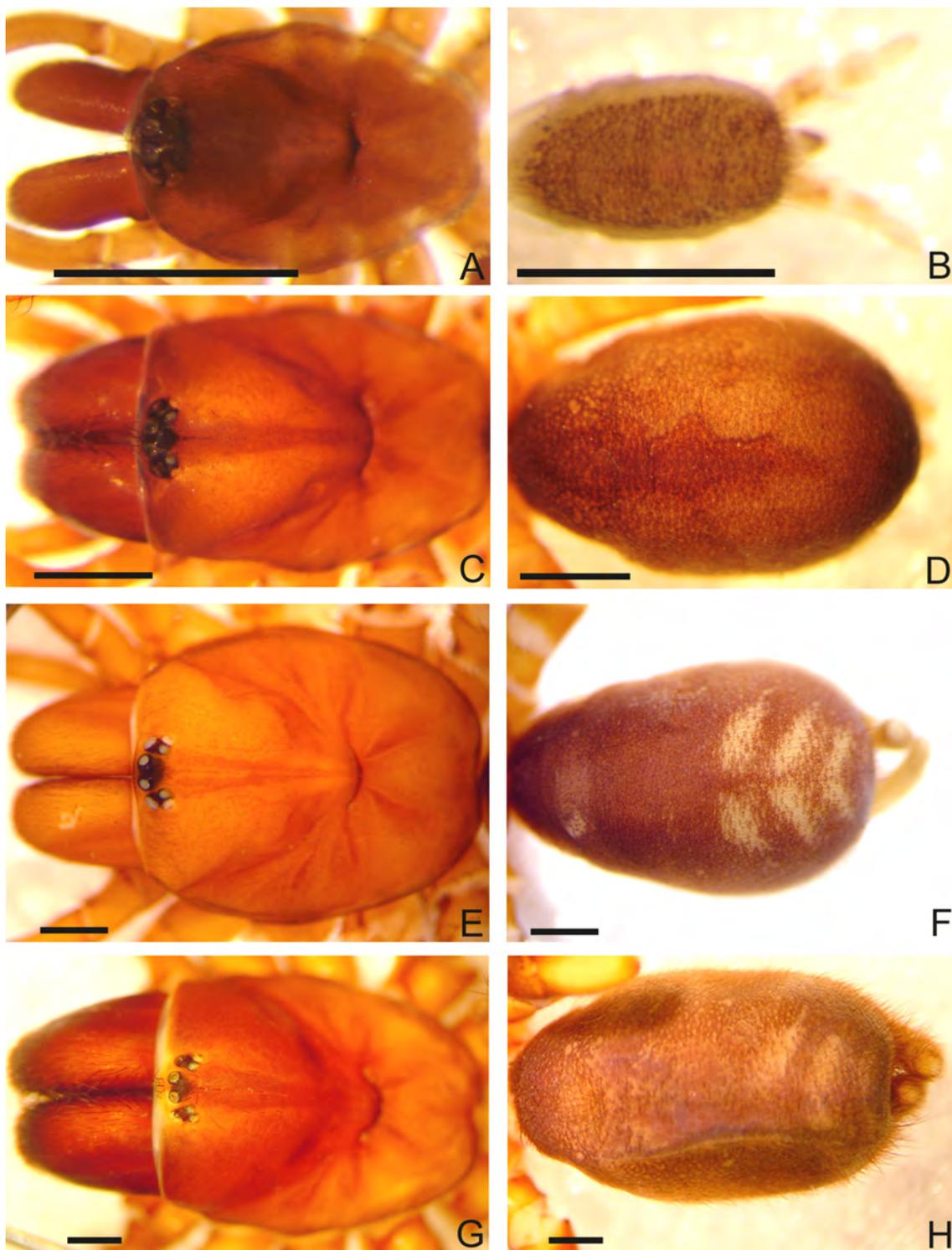


Figura 22. A-H. Grupo *venustus*. A, C, E e G. Carapaça, vista dorsal; B, D, F e H. Abdômen, vista dorsal. **A-D.** *Bolostromus venustus*; A-B. Macho (AMNH); C-D. Fêmea (AMNH); **E-H.** *B. fauna*; E-F. Macho lectótipo; G-H. Fêmea paralectótipo. Escalas. Figuras A-H = 1 mm.

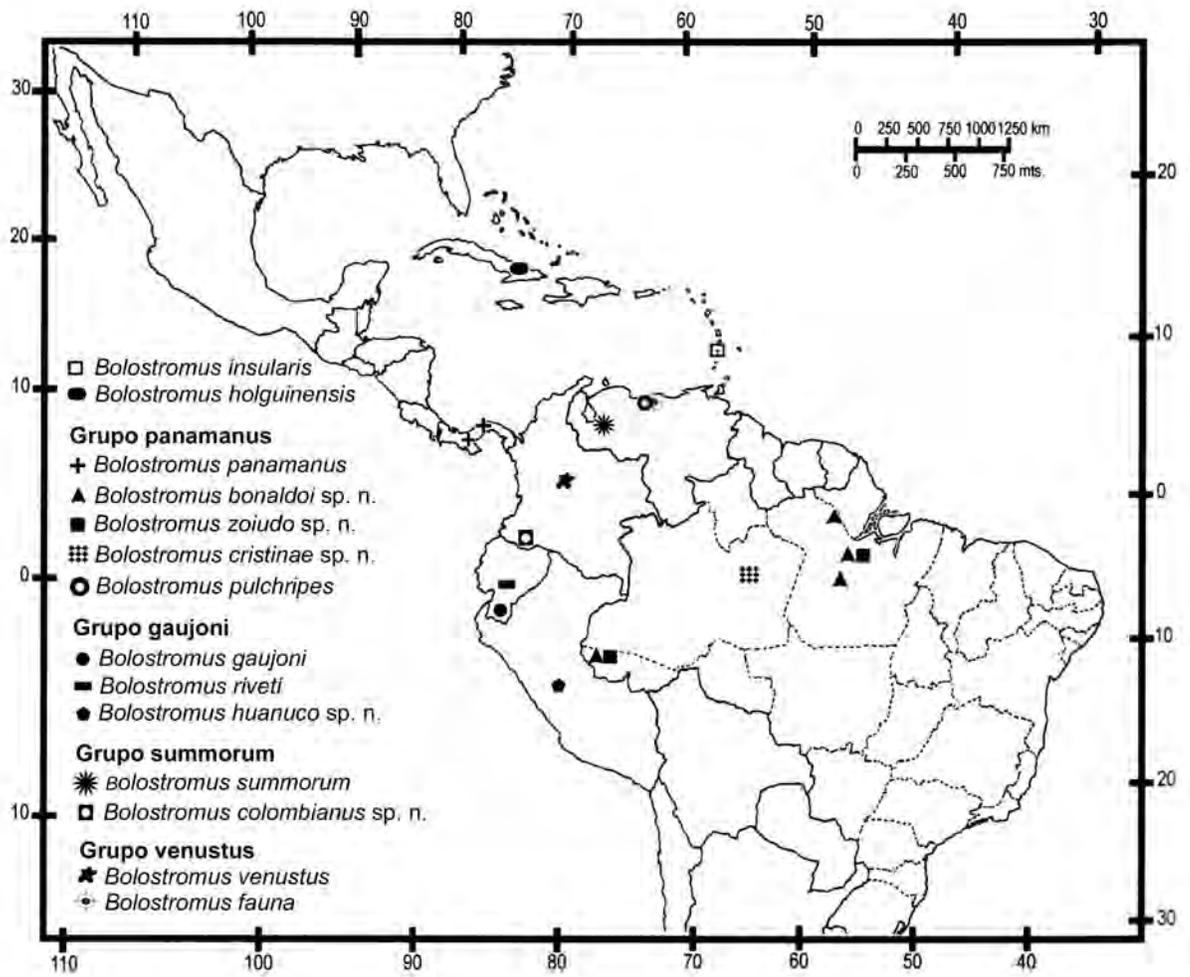


Figura 23. Distribuição do gênero neotropical *Bolostromus*.

DISCUSSÃO

As aranhas migalomorfas representam um grupo muito homogêneo em termos de biologia, comportamento e morfologia, por isso a realização de grandes revisões favorece a descoberta de novos caracteres diagnósticos, que auxiliam num melhor entendimento das relações entre os gêneros e espécies (GOLOBOFF 1995). Em Cyrtaucheniidae o trabalho mais expressivo é o de BOND & OPELL (2002), que realizaram a revisão de Euctenizinae e uma análise cladística com todos os gêneros de Cyrtaucheniidae, exceto *Bolostromoides*, que nesta revisão é considerado sinônimo júnior de *Bolostromus*.

BOND & OPELL (2002) caracterizaram *Bolostromus* por ter menos que quatro unhas no tarso IV, espinhos no címbio, um conjunto de espinhos distais ventrais no tarso IV e tibia do palpo do macho longa e delgada. Em relação ao lábio mais longo que largo, BOND & OPELL (2002) também utilizam este caráter para *Bolostromus*, mas está presente em apenas três espécies, como comentado acima. Apenas *B. pulchripes*, *B. summorum* e o macho de *B. venustus* apresentam 2-3 unhas no tarso IV, sendo este um caráter não funcional para auxiliar em algum agrupamento. Todas as espécies apresentam espinhos no címbio, sendo este um caráter diagnóstico para *Bolostromus*, pois na família ocorre apenas nos gêneros *Aptostichus* Simon (Euctenizinae, Estados Unidos) e *Angka* Raven & Schwendinger (ocorrente na Tailândia e não incluída em nenhuma das subfamílias de Cyrtaucheniidae). O conjunto de espinhos distais ventrais no tarso IV ocorre em *B. panamanus*, *B. bonaldoi*, *B. gaujoni*, *B. riveti*, *B. huanuco* (em todo tarso), *B. colombianus*, *B. venustus* e *B. fauna*. A tibia do palpo do macho longa e delgada utilizada para *Bolostromus* ocorre no grupo *panamanus* e em *B. fauna*, nas outras espécies ele é longo e dilatado no terço-basal ou curto e dilatado em *B. venustus*. A sérrula presente sustenta a união de *Bolostromus* e *Fufius* como grupo irmão, na família este caráter está presente apenas nestes dois gêneros.

Bolostromus foi dividido em quatro grupos, com base em similaridades morfológicas: *panamanus*, *gaujoni*, *summorum* e *venustus*.

O grupo *panamanus* aparenta ser um bom agrupamento, pois as espécies compartilham a tibia I do macho com o diâmetro semelhante ao do metatarso I (Figura 3 E-F), metatarso I com dilatação distal (Figura 3 E-F), espinhos longos no címbio, genitália da fêmea com espermateca curta, com ramo interno dilatado e projetado (Figuras 3 D, 8 C).

O grupo *gaujoni* também aparenta ser um bom agrupamento, pois as espécies compartilham a tibia I da perna do macho com o diâmetro maior que no metatarso I (Figura 13 D), tibia do palpo do macho longa com forte dilatação no terço basal (Figura 13 A, C), ausência de espinhos na tibia do palpo do macho e curvatura do êmbolo direcionada para a região dorsal (Figura 13 A-C).

O grupo *summorum* é baseado apenas em fêmeas. Isto o torna passível de dúvida, pois muitos dos caracteres utilizados na formação dos grupos são de machos. O agrupamento foi realizado com base no tamanho das espécies, que apresentam porte médio (17-22 mm), rastelo formado por 13-17 espinhos fortes e cerca de 30 fracos, fêmur IV com três filas de espinhos distais prolaterais (17-23), semelhantes a um rastelo (Figura 1 D) e genitália com espermatecas longas (Figuras 17-18) e bem esclerotizadas.

O grupo *venustus* é caracterizado pela presença de espinhos na tibia do palpo do macho e pelos espinhos ventrais da tibia da perna I apresentarem diâmetros semelhantes (Figuras 20 D-E, 21 D-E). Provavelmente este grupo não seja um bom agrupamento, pois *B. fauna* apresenta a tibia do palpo do macho longa e o metatarso I dilatado na região distal e *B. venustus* pelo metatarso com o diâmetro semelhante ao da tibia. Estes caracteres estão presentes no grupo *panamanus*.

Para confirmação dos grupos será necessário procurar mais material, pois na maioria dos casos apenas um dos sexos está descrito, impossibilitando uma diagnose completa das espécies.

5 CONCLUSÕES

- As espécies *B. venustus*, da Colômbia, *B. panamanus*, do Panamá, *B. fauna* e *B. pulchripes*, ambas da Venezuela, *B. holguinensis*, de Cuba, *B. gaujoni* e *B. riveti*, ambas do Equador e *B. insularis* (Simon) das Ilhas San Vicent, são consideradas válidas.
- São descritas cinco espécies: *B. bonaldoi* sp. n. e *B. caxiuana* sp. n., ambas do Pará e do Acre, *B. cristinae* sp. n., do Amazonas, todas do Brasil, *B. colombianus* sp. n., de Nariño, Colômbia e *B. huanuco* sp. n., de Huanuco, Peru.
- *Bolostromus* foi dividido em quatro grupos, com base em similaridade morfológica: *panamanus*, *gaujoni*, *summorum* e *venustus*.
- A distribuição do gênero conhecida para Panamá, Cuba, Venezuela, Colômbia e Equador é ampliada para o Brasil e Peru.
- O gênero monotípico *Bolostromoides* é considerado sinônimo junior subjetivo de *Bolostromus* por ter os mesmos caracteres e a espécie-tipo *B. summorum* Schiapelli & Gerschman, da Venezuela é transferida para *Bolostromus*.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSSERER, A. Zweiter Beitrag zur Kenntniss der Arachniden-Familie der Territelariae Thorell (Mygalidae Autor). **Verhandlungen der k.k. zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien**, v. 25, p. 125-206, 1875.
- BERLAND, L. Araignées. In *Mission du Service géographique de l'armée pour la mesure d'un arc du méridien équatorial en Amérique du Sud (1899-1906)*. Paris, v. 10, 1913 p. 78-119.
- BOND, J. E.; OPELL, B. D. Phylogeny and taxonomy of the genera of south-western North American Euctenizinae trapdoor spiders and their relatives (Araneae: Mygalomorphae: Cyrtachaeniidae). **Zoological Journal of Linnean Society**, v. 136, p. 487-534, 2002.
- HEDIN, M.; BOND, J.E. Molecular phylogenetics of the spider infraorder Mygalomorphae using nuclear rRNA genes (18S and 28S): Conflict and agreement with the current system of classification. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 41 454-471, 2006.
- BONNET, P. *Bibliographia araneorum*. Toulouse, v. 2(1), 1955, p. 1-918.
- BONNET, P. *Bibliographia araneorum*. Toulouse, v. 2(4), 1958, p. 3027-4230.
- BRESCOVIT, A. D.; BONALDO, A. B.; BERTANI, R. & RHEIMS, C. A. Araneae. In *Amazonian Arachnida and Myriapoda*. Adis, J. (Ed.). Pensoft Publishers, Bulgaria. p. 303-343, 2002.
- BRIGNOLI, P. M. *A catalogue of the Araneae described between 1940 and 1981*. Manchester Univ. Press, 1983, 755 p.
- CAMBRIDGE, O.-P.-. Arachnida. In *Additions to Wild Fauna of the Royal Botanic Gardens, XII*. Bulletin of Miscellaneous Information, Royal Botanic Gardens. Kew. Additional series, v. 1911, p. 370-373, 1911.
- COMSTOCK, J. H. *The Spider Book*. Comstock Publishing Associates, Cornell University Press, Ithaca, New York, 1965, 729 p.
- COYLE, F. The role of silk in prey capture by non-Araneomorph spiders. In: Shear W. A. (Ed.). *Spiders web, behaviour and Evolution*. Stanford University Press, Stanford, Califórnia, 492 p., 1986.
- DIPPENAAR-SCHOEMAN, A. S.; R. JOCQUÉ. *African Spiders: An Identification Manual*. Plant Protection Res. Inst. Handbook, no. 9, Pretoria, 1997, 392 p.
- GOLOBOFF, P. A. A reanalysis of mygalomorph spiders families (Araneae). **American Museum Novitates**, v. 3056, p. 1-32, 1993.
- GOLOBOFF, P. A. A Revision of the South American spiders of family Nemesiidae (Araneae, Mygalomorphae). Part I: species from Peru, Chile, Argentina, and Uruguay. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 224, p. 1-189, 1995.

- GUADANUCCI, J. P. L.; INDICATTI, R. P. Redescription of *Fufius funebris* Vellard, 1924 and description of *Fufius lucasae* n. sp. with comments on *Ctenochelus maculatus* Mello-Leitão, 1923 (Mygalomorphae, Cyrtaucheniidae). **Revista Ibérica de Aracnología**, v. 10, p. 255-259, 2004.
- KARSCH, F. Zwei neue afrikanische Vogelspinnen. **Sitzungsberichte der Gesellschaft naturforschender Freunde zu Berlin**, v. 1879, p. 63-65, 1879.
- LEROY, A.; LEROY, J. Notes on the natural history of a trapdoor spider *Ancylotrypa* Simon (Araneae, Cyrtaucheniidae) that constructs a spherical burrow plug. **The Journal of Arachnology**, v. 33, p. 558-561, 2005.
- LUCAS, S. M.; INDICATTI, R. P.; BRESCOVIT, A. D.; FRANCISCO, R.C. First record of the Mecicobothriidae Holmberg from Brazil, with a description of a new species of Mecicobothrium (Araneae, Mygalomorphae). **Zootaxa**, Auckland, v. 1326, p. 45-53. 2006.
- LUCAS, H. Histoire naturelle des animaux articulés. In *Exploration scientifique de l'Algérie pendant les années 1840, 1841, 1842 publiée par ordre du Gouvernement et avec le concours d'une commission académique*. Paris, Sciences physiques, Zoologie, v. 1, p. 89-271, 1846.
- MELLO-LEITÃO, C. F. de. Theraphosidae do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, v. 13, p. 1-438, 1923.
- MELLO-LEITÃO, C. F. de. Catálogo das aranhas da Colômbia. **Annaes da Academia brasileira de ciencias**, v. 13, p. 233-300, 1941.
- PETRUNKOVITCH, A. A synonymic index-catalogue of spiders of North, Central and South America with all adjacent islands, Greenland, Bermuda, West Indies, Terra del Fuego, Galapagos, etc. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 29, p. 1-791, 1911.
- PETRUNKOVITCH, A. Arachnida from Panamá. **Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences**, v. 27, p. 51-248, 1925.
- PETRUNKOVITCH, A. Spiders from the Virgin Islands. **Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences**, v. 28, p. 21-78, 1926.
- PETRUNKOVITCH, A. Catalogue of American spiders. Part one. **Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences**, v. 33, p. 133-338, 1939.
- PLATNICK, N. I. The world spider catalog, version 7.5. **American Museum of Natural History**, 2007. online at <http://research.amnh.org/entomology/spiders/catalog/index.html> acessado em 21.01.2007.
- RAVEN, R. The spider infraorder Mygalomorphae (Araneae): cladistics and systematics. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 182, p. 1-180, 1985.
- ROEWER, C.F. Katalogue der Araneae, Band 1, Verlag von "Natura", 1942, 1040p.

RUDLOFF, J.-P. Primer reporte de una especie de la familia Cyrtaucheniidae [sic] de Cuba inclusive una descripción de una nueva especie del género *Bolostromus* (Ausserer, 1875) (Cyrtaucheniidae [sic]: Mygalomorphae: Araneida). **Garciana**, v. 24, p. 11-14, 1996.

SCHIAPELLI, R. D.; B. S. GERSCHMAN DE PIKELIN. Parte descriptiva. In Vellard, J., R. D. Schiapelli & B. S. Gerschman, Arañas sudamericanas coleccionadas por el Doctor J. Vellard. I. Theraphosidae nuevas o poco conocidas. **Acta Zoológica Lilloana**, v. 3: 165-194, 1945.

SIMON, E. Arachnides recuillis en 1882-1883 dans la Patagonie méridionale, de Santa Cruz à Punta Arena, par M. E. Lebrun, attaché comme naturaliste à la Mission du passage de Vénus. **Bulletin de la Société zoologique de France**, v. 11, p. 558-577, 1886.

SIMON, E. Etudes arachnologiques. 21e Mémoire. XXIX. Descriptions d'espèces et de genres nouveaux de l'Amérique centrale et des Antilles. **Annales de la Société entomologique de France**, v. 8 (6), p. 203-216, 1888.

SIMON, E. Arachnides. In Voyage de M. E. Simon au Venezuela (décembre 1887-avril 1888). 4e Mémoire. **Annales de la Société entomologique de France**, v. 9 (6), p.169-220, 1889a.

SIMON, E. Révision des Aviculariidae de la République de l'Ecuador. **Actes de la Société linnéenne de Bordeaux**, v. 42, p. 399-404, 1889b.

SIMON, E. Etudes arachnologiques. 23e Mémoire. XXXVIII. Descriptions d'espèces et de genres nouveaux de la famille des Aviculariidae. **Annales de la Société entomologique de France**, v. 60, p. 300-312, 1891a.

SIMON, E. On the spiders of the island of St. Vincent. Part 1. **Proceedings of the Zoological Society of London**, v. 1891, p. 549-575, 1891b.

SIMON, E. *Histoire naturelle des araignées*. Paris, v. 1, 1892, p. 1-256.

SIMON, E. *Histoire naturelle des araignées*. Paris, v. 2, 1903a, p. 669-1080.

SIMON, E. Etudes arachnologiques. 34e Mémoire. LVI. Descriptions de deux espèces nouvelles de la famille des Avicularides recueillis dans l'Ecuador par M. le Dr Rivet et faisant partie des collections du Muséum de Paris. **Annales de la Société entomologique de France**, v. 72, p. 314, 1903b.

VELLARD, J. Etudes de zoologie. **Archivos do Instuto Vital Brazil**, v. 2, p. 1-32, 121-170, 1924.

VELLARD, J. Observaciones Biológicas. In Vellard, J., R. D. Schiapelli & B. S. Gerschman de Pikelin, Arañas sudamericanas coleccionadas por el Doctor J. Vellard. I. Theraphosidae nuevas o poco conocidas. **Acta Zoológica Lilloana**, v. 3, p. 195-213, 1945.